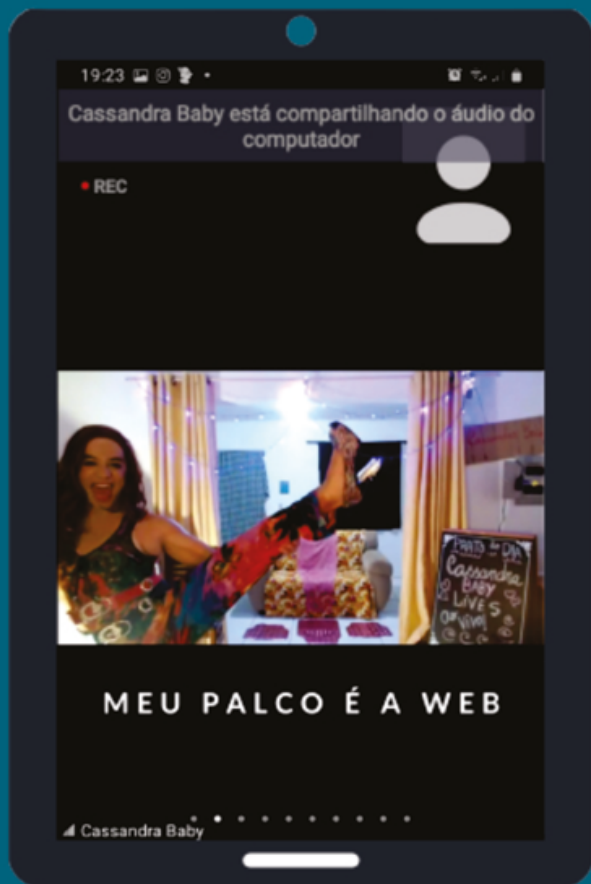


PROCESSOS DE CRIAÇÃO  
DE ESPETÁCULOS ONLINE

# NETEATRO



JUNIOR LOPES





Este projeto foi contemplado pelo Edital nº 31/2021/  
SEJUCEL-CODEC.

2ª Edição Marechal Rondon - Prêmio de Produção Literária,  
Fonográfica e Digital para Difusão de Expressões Culturais

LEI  
ALDIR  
BLANC



**SEJUCEL**  
Superintendência da  
Juventude, Cultura, Esporte e Lazer



Governo do Estado de  
**RONDÔNIA**

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA  
MINISTÉRIO DO TURISMO



PÁTRIA AMADA  
**BRASIL**  
GOVERNO FEDERAL

JÚNIOR LOPES

# NETEATRO

PROCESSOS DE CRIAÇÃO DE  
ESPETÁCULOS ONLINE

Meu Palco é a Web



Copyright © 2022 by Júnior Lopes

Todos os direitos reservados, inclusive o de reprodução total ou parcial, em qualquer meio.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa: Betânia Avelar

Diagramação e projeto gráfico de miolo: Potira Manoela de Moraes

Edição: Andressa Batista

Revisão: Lyene Amaral


Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária

Lidiane Garcia da Silva CRB 11/974

J95n	Junior Lopes.
	Neteatro: processos de criação de espetáculos online - meu palco é a web. / Junior Lopes - Porto Velho: Semear Cultura, 2022. 124 p.
	E-book, no formato PDF. ISBN 978-65-00-44500-8
	1. Teatro virtual. 2. Dramaturgia digital. 3. Espetáculos online. I. Título.
	CDD 792

2022

Todos os direitos desta edição reservados à SEMEAR CULTURA

 [www.semearcultura.com.br](http://www.semearcultura.com.br)

 [@semearcultura](https://www.instagram.com/semearcultura)

 [semearcultura](https://www.facebook.com/semearcultura)

 [contato@semearcultura.com.br](mailto:contato@semearcultura.com.br)





# MEETINGS

A minha imensa gratidão pelo Criador,  
pela Criação;  
A minha sincera gratidão pela Arte,  
pela Vida;  
A minha imensa gratidão pela Inspiração,  
pelas Experiências;  
A minha sincera gratidão pelos Fluxos,  
pelos Desafios;  
Gratidão pelas Oportunidades;  
Gratidão por ter sonhos e saúde para realizar;  
Gratidão pela minha mãe, Jurrene Lopes, sempre  
presente;  
Gratidão pelas grandes pessoas que torcem junto  
comigo;  
Gratidão pela Tecnologia, pelas conexões  
possibilitadas, pelos (re)encontros;  
Gratidão pela jornada leve ou pesada, mas que  
sempre faz crescer!

22.02.22

← Explore



zaharayalla · Seguir  
@zaharayalla



♥ 948 likes

Zahara no cenário de "Chá comigo em quarenta e uma noites" #Neteatro #Zahara



# CONFIGURAÇÕES

Olá! Eu sou o Júnior Lopes e seja bem-vindo ao Neteatro e aos Processos de Criação de Espetáculos Online. Nesta jornada, vou compartilhar com você um passo-a-passo de como criar, adaptar, transmitir e apresentar obras de artes cênicas em formato virtual, ao vivo e online.

Provavelmente, você que está lendo este livro-tutorial seja um artista da cena que foi pego de surpresa com uma pandemia global. Um artista que teve que passar, da noite para o dia, do palco presencial para o palco virtual. Ainda posso arriscar um palpite que, possivelmente, você teve, e talvez ainda tenha, muitos conflitos com relação a isso.

Bem, informo que eu também tive esse mesmo drama. Todos nós, acostumados com teatro e a presencialidade física, palcos, coxias, camarins, plateia, vimos os nossos espaços teatrais vazios. Tudo foi fechado. Interditado. Às vezes, podemos achar que, na nossa profissão, tenhamos sido mais afetados. Mas, sem entrar no mérito de discutir quem foi ou é mais prejudicado em uma pandemia, a realidade é que todos nós tivemos que nos transformar e nos reinventar.

Assim, vivenciando este contexto de quarentenas, restrições, confinamentos, entre outras adversidades, este livro-tutorial traz alguns caminhos, trilhas e atalhos para a criação teatral virtual, tendo como ponto de partida a seguinte chave: aceitar que a pandemia chegou em 2020 (trazendo mortes, difi-



culdades, imposições) e transformar e ressignificar os desafios que nos foram colocados, como possibilidades inovadoras de criação.

A pandemia não pode parar o artista, pois os dramas e conflitos dramáticos que ele representa estão sempre se atualizando. Se antes eu levava para o palco um drama que se passava na rua, no trabalho, em casa, agora o drama está sendo encenado em meetings virtuais e pelas diversas redes sociais. Os conflitos dramáticos são online: reuniões e brigas de condomínio, meetings familiares, velórios, formaturas, festas etc. O jantar e a solidão são compartilhados numa tela, em uma transmissão em que cada um de sua casa senta-se à mesa para jantar com o outro. E outro drama ainda mais traumático: muitos tiveram o último adeus de um ente querido transmitido de um leito de hospital, por uma chamada do WhatsApp.

Ainda neste sentido, este breve livro-tutorial compartilha com você processos de criação artística que se pautam na transformação de um contexto desafiador em possibilidades artísticas em fluxo contínuo. Eu, Júnior, que lhe escreve agora, não tenho todas as chaves, muito menos uma pesquisa conclusiva deste contexto e tema. Afinal, nós estamos diante de uma pandemia em curso, instável e sem precedentes. Não estou tratando de teatro pós-pandemia, pois não tenho nem ideia de quando será este “*pós*”, já que o vírus que nos espregueia ainda não saiu de cena. Alguns momentos ele vai pra coxia, mas volta com outro figurino, outra maquiagem e roteiro.

Neste exato momento em que este texto está sendo escrito, fevereiro de 2022, o mundo ainda está em suspenso: Omicron, Influenza, Flurona, terceira dose, quarta dose... abre e fecha. Máscaras, álcool em gel...e Guerra!!!. Ou seja, ainda estamos buscando maneiras de continuar em cena, contracenando com o vírus e outras guerras e sabotagens.

Estamos vivenciando um momento de grande transformação em todas as esferas e acredito que toda experiência precisa estar atenta ao progresso e à evolução. Então, os formatos, modelos e caminhos que estamos pegando agora, na minha opinião, vieram para ficar e serem melhorados, atualizados. Você, que está lendo este texto em um outro contexto, já deve estar usando outras chaves e novas atualizações. Tudo está mudando tão rápido que dormimos com o Facebook e acordamos com o *Metaverso*. Com toda certeza, o *Metaverso* irá possibilitar outras experiências, imersões e acessibilidades (porém, isto é tema para outro livro!). É importante desvincular a ideia de que o remoto, online, tecnológico estejam associados exclusivamente à pandemia. Muitos estão tão traumatizados com os impactos que a pandemia trouxe que acabam se distanciando de tudo que remeta a este período pandêmico. Associam remoto, online, à distância com a quarentena forçada e, assim, já bloqueiam o experienciar este novo contexto.

Assim, apresento a outra chave: o Neteatro. Este termo foi criado por mim para tratar do teatro criado para o ambiente da internet (palco-web). Muitos já me questionaram: “- *Mas isso que você está*

*fazendo é teatro?”* Eu digo: -É, sim, é. Mas, se você preferir ou se sentir incomodado, eu posso chamar de *Neteatro para mostrar que é diferente do teatro tradicional*”. Geralmente as pessoas têm dificuldades com o novo, mas o Neteatro existe. Se estamos fazendo, ele existe. E, com o tempo, vai se construindo a partir dos seus próprios fundamentos. Escrevo este livro, pois tenho a clareza que esta outra possibilidade veio para ficar. E, como todas as outras coisas, vai dialogar. Eu posso ir à pizzaria ou posso pedir delivery. Escolho ir ao médico ou fazer uma consulta online. Posso fazer sexo presencial ou pagar um pix e contratar um sexo virtual. Ir a uma reunião de grupo presencial ou fazer pelo *Google Meeting*. São milhares de outros exemplos.

Assim, nesta mesma linha de raciocínio, eu posso querer ter uma experiência artística ao vivo e online interativa do sofá da minha casa ou ir ao teatro físico. Presencial e virtual são processos diferentes em que um não impossibilita o outro. Inclusive, podem se complementar. Híbrido é a palavrinha mágica que está sendo usada no nosso tempo.

Portanto, sem mais delongas, já que você provavelmente é um web-leitor acostumado com velocidade, busca um texto claro, objetivo e que vai direto ao ponto sem muitas voltas. Olha, eu até queria entrar em muitos devaneios aqui com você, mas... a velocidade da rede não permite. Quero que você clique neste *link* e não se desconecte. Então, vamos aos processos.

Nesta jornada de leitura vamos passar pelos seguintes desafios:

# ZOOMÁRIO

## **PASTA UM ARQUIVOS ..... 14**

**CENA 1: A pandemia chegou. Teatros Fechados. #fiqueemcasa. E agora, artista, o que fazer? .. 15**

**CENA 2: O que surgiu nas artes de quarentena? Quais as possibilidades das artes de quarentena? 21**

**CENA 3: Onde e como os trabalhos começaram a se apresentar? Como e onde apresentar o meu trabalho artístico? ..... 28**

## **PASTA DOIS PROGRAMAS ..... 36**

### **PROCESSOS DE CRIAÇÃO DE ESPETÁCULOS ONLINE ..... 37**

**1.O que é NETEATRO?..... 37**

**2. Quem é o NETESPECTADOR?..... 38**

**3. Qual o perfil do NETESPECTADOR? ..... 39**

**4. Como ADAPTAR uma peça já existente para o contexto AO VIVO e ONLINE?..... 42**

**5. Como CRIAR uma peça ONLINE e AO VIVO? 51**

**6. Quando gravar cenas anteriormente? ..... 59**

**7. Como trabalhar os elementos da encenação (luz, figurino, maquiagem, cenografia, sonoplastia)? 59**

**8. Atuação e improvisação virtual? ..... 61**

**9. Como ensaiar com o grupo, virtualmente? .... 64**

**PASTA TRÊS EXTENSÕES ..... 72**

**1º ATO: YALLA, GO! Como sobreviver em guerras e outras sabotagens ..... 73**

**2º ATO: TABULE: A CASA CAIU ..... 87**

**3º ATO: Cassandra Lives no Presídio: uma Transmissão amazônica ..... 103**

**LINKS BIBLIOGRÁFICOS ..... 120**



CIA PERIPÉCIAS DE TEATRO  
APRESENTA

14

LIVES NO PRESÍDIO:

# CASSANDRA

UMA TRANSMISSÃO AMANZÔNICA

29, 30 e 31  
DE MARÇO

INGRESSOS GRATUITOS  
SYMPLA.COM.BR

TRANSMISSÃO  
ZOOM

19:00  
HORAS  
HORARIO DE RO

LEI  
ALDIR  
BLANC



SEJUCEL  
Superintendência da  
Juventude, Cultura, Esporte e Lazer



GOVERNO DO ESTADO DE  
RONDÔNIA

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA  
MINISTÉRIO DO TURISMO



PÁTRIA AMADA  
BRASIL  
GOVERNO FEDERAL

Projeto contemplado no Edital nº34/2021/SEJUCEL - CODEC, 2ª  
Edição Mary Cyanne - Lei Federal 14.017/2020 (Lei Aldir Blanc)

CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DO ESPETÁCULO CASSANDRA LIVES NO PRESÍDIO:  
UMA TRANSMISSÃO AMANZÔNICA

# PASTA UM ARQUIVOS



# CENA 1

**A pandemia chegou. Teatros Fechados.  
#fiqueemcasa. E agora, artista, o que fazer?**

- a. Parar e não fazer nada até a pandemia passar;
- b. Enfrentar reinventando, criando, adaptando e encenando espetáculos ao vivo e online em formato digital.

Entre as duas opções acima, este livro vai marcar o (x) na segunda opção, por questões óbvias. No entanto, a primeira opção é um caminho natural; pois, geralmente, na dúvida, o melhor a fazer é parar, refletir e somente depois tomar um caminho. Ao escolher a segunda opção, optamos por um “enfrentamento”, uma reinvenção e, conseqüentemente, a saída da zona de conforto.

Muitos artistas, por inúmeras questões compreensíveis, decidiram parar e esperar. Criar, necessita disponibilidade e sensibilidade. E a instabilidade e incerteza, muitas vezes, são impasses para a criação artística. Criar em um momento em que ninguém estava entendendo o que estava acontecendo, com notícias de mortes 24 horas por dia, criou um clima de tensão e falta de controle. Em um momento tão difícil em que não sabíamos se seríamos os próximos atacados pelo corona, se estaríamos vivos para

Júnior Lopes

a próxima sessão, ou se teríamos leito no hospital; então, como, para que e para quem criar?

Não seria o momento de pensar em outras coisas mais importantes e essenciais para o momento pandêmico ao invés de buscar possibilidades de estar em cena? Afinal de contas, o que faria sentido criar? O que eu teria para dizer no meu trabalho? Apresentar algo, ignorando o que está acontecendo? Qual a temática tratar e como levar para cena? Diante deste cenário, eu me questionava sobre o que as pessoas estariam interessadas em assistir diante de um momento que se propagavam o medo, a instabilidade, a solidão e a morte.

Comecei a me perguntar se eu estava em condições de criar e escrever algo. Frente a uma zona de turbulência e um cenário assustador e fora de controle, como eu, artista, iria me propor a fazer algo para sensibilizar, confortar, animar e transformar o outro (público), se eu mesmo não sabia como adquirir este estado de tranquilidade? A pergunta que me martelava: o que realmente faz sentido fazer agora? Para quê?

Eu tenho uma personagem, Zahara Yalla, do espetáculo *Tabule: uma tragicomédia árabe*. Este espetáculo estreou em 2011 e, desde esta data, se apresentou, pelo menos em uma pequena temporada, todos os anos. Esta personagem foi a inspiração para que eu buscasse um caminho para seguir



e enfrentar o contexto no qual estamos vivendo e, assim, criar. Foi essa decisão de seguir, inspirada na personagem Zahara, que me fez realizar os trabalhos artísticos durante a pandemia vigente e, conseqüentemente, ter as experiências necessárias para escrever este livro-tutorial, compartilhando os processos. Costumo dizer que a personagem não quis sair de cena e, por sua história de vida, não aceitou parar. Assim, estudei a história da personagem mais uma vez e percebi que ela já havia me preparado para enfrentar qualquer pandemia. As coisas foram se esclarecendo para mim a partir da história da Zahara que, resumidamente, conto para você a seguir:

*Zahara é uma libanesa de nascimento e brasileira de coração. Muçulmana “do seu jeito”. Sobrevivente de duas guerras oficiais do Líbano e inúmeras guerras pessoais. Zahara é uma personagem que celebra a liberdade de viver sem medo. Ela tem urgência de desabafar e colocar para fora o que já estava engasgado por muito tempo. É uma personagem em constante deslocamento, que é delatora da sua própria vida, recriando suas histórias, desejos e delitos. Marcada pela impossibilidade de ajustar seu corpo e sua existência perante uma lei implacável, Zahara, no espetáculo *Tabule*, faz do público sua pedra de lamentações e, no dia do velório do seu marido no Brasil, vai aos poucos se revelando e se transformando na cômica heroína de sua triste saga.*

*Júnior Lopes*

Se eu tinha alguma dúvida sobre a importância e necessidade das artes no período pandêmico, a certeza veio à tona. As artes são fundamentais para enfrentar processos, transformar, confortar e abrir portas para novas possibilidades e saídas. Se a história da própria personagem que levo para a cena há anos me deu uma aula de “como sobreviver a guerras e outras sabotagens”, porque eu iria ser egoísta e ficar com essa lição só para mim? Nós, artistas, precisamos nos alinhar e continuar produzindo, pois no nosso discurso enfatizamos a importância fundamental das artes. Então, por que, justamente em um momento em que mais precisamos, vamos parar?

Pronto! Era hora de começar o processo criativo. Tomei um banho e deixei a água correr. Lavei umas máscaras que estavam de molho. Higienizei umas compras de supermercado. Consultei o número de casos de testados e positivados para o vírus. Sentei e pensei: vamos começar os processos criativos. Perguntei para a personagem do meu espetáculo:

Eu - Zahara, por que você quer continuar em cartaz?

Zahara – Porque eu sou uma sobrevivente.

Eu – Mas, que história contar?

Zahara – A minha. Sobrevivi a duas guerras. Já estive confinada no porão do prédio por seis meses com os meus vizinhos. Todos juntos esperando

acabar os bombardeios. A gente não sabia quando a guerra iria acabar. A gente tinha duas saídas: ou se matava ou enfrentava.

Eu – Como vocês faziam para viver no porão?

Zahara - A música, a dança, a contação de histórias (*bakawati*) amenizavam a escuridão e as explosões lá fora. Os mais velhos cantavam, tocavam, dançavam e contavam histórias e a gente entrava em outro mundo, nem que seja por um instante. Estávamos vivos e queríamos continuar.

Eu – Você tinha medo?

Zahara – A gente sempre tem momentos de medo. De frio na barriga. Mas não podemos ficar nele por muito tempo. O medo paralisa a gente. *Anzubillah* (Deus me livre)! Então, Yalla, go! Vida que segue.

Eu – Então, esse é o espetáculo, Zahara! Yalla, go! Vida que segue. Você vai contar para a gente como sobreviver em guerras. Para a gente enfrentar essa nossa guerra.

Zahara – Yalla, go! Como sobreviver em guerras e outras sabotagens. Às vezes, a gente se sabota e é sabotado pelo próprio medo. Eu, Zahara Yalla, continuo em cena.

Meu caro artista da cena, acho que, neste relato inicial, já deu para se ter uma ideia do que vamos fazer neste livro: Yalla, go! Traduzida para o português, a palavra árabe *Yalla* tem o sentido de



*Júnior Lopes*

seguir, ir... adiantar. E é com esse movimento que gostaria que você acompanhasse esta leitura. Se você está lendo este livro, já é um guerreiro sobrevivente! Está no jogo. #fiqueemcasa, mas... Yalla, go! Vamos criar e sensibilizar! Não vamos deixar o nosso público. Ninguém desconecta da mão de ninguém. Conectados na rede!

## CENA 2

### O que surgiu nas artes de quarentena? Quais as possibilidades das artes de quarentena?

O início da quarentena foi marcado por um bombardeio de *lives*. Vários festivais virtuais (teatro, música, dança e artes visuais) vêm sendo, desde então, transmitidos ao vivo e/ou gravados em plataformas de streaming. O *Youtube*, o *Google meeting*, o *Zoom* e, no Brasil mais especificamente, a plataforma de eventos *Sympla* contaram com um grande número de espetáculos artísticos virtuais.

No entanto, como foi muito grande a explosão de *lives* e transmissões no *youtube*, já nos primeiros meses, as pessoas estavam cansadas de receber *links* de transmissão de *lives*, eventos, espetáculos, palestras entre outros. É importante ressaltar que, neste período, muitas atividades antes de interesse somente de um público privado começaram a ser compartilhadas com todos, sem distinção. Por exemplo, quando um primo advogado iria dar uma palestra com tema específico para a área jurídica, ele já compartilhava o *link* da *live* para o grupo da família. Em outra ocasião presencial, somente os interessados iriam se deslocar, fazer a inscrição e ir à palestra. Isso aconteceu com todos. Como tudo era novidade, as pessoas começaram a compartilhar as

Júnior Lopes

suas rotinas de trabalho, eventos, *lives* com qualquer público, não se importando com os interesses específicos das pessoas: eventos religiosos, sermão, *lives* de reunião de condomínio, reuniões de conselhos universitários, comunicações de eventos acadêmicos, casamentos online, velórios, etc. Tudo isso sem distinção. O *link* chegava com uma mensagem curta: “*Se puder, entra aí pra você me ver!*”

Porém, mesmo cansadas de isolamento, quarentena e eventos virtuais, essa era a realidade e o consumo online era a alternativa. Eu comecei a perceber a minha rotina, o meu uso de internet, o tempo que eu gastava no *youtube*, *instagram*, ou em chamadas de *whatsapp*. Percebi que estava muito tempo conectado; mas, ao mesmo tempo, estava cansado das *lives* e outros formatos de eventos online. O curioso é que, no meu histórico de uso de *youtube*, as minhas horas sempre aumentavam. O que eu estava vendo? Se eu passava tanto tempo na frente na rede, eu buscava algo. O quê? Comecei a pesquisar o *ranking* de transmissões ao vivo mais assistidas em tempo real e me deparei com milhares de pessoas online: Primeira *Live* Musical de uma cantora sertaneja, Marília Mendonça, com mais de 3,3 milhões de pessoas conectadas em tempo real. Esta foi a *live* mais vista, simultaneamente, na história do Youtube.

A partir deste momento, comecei a tentar entender que tipo de netespectador seria eu. Não

sou, especificamente, netespectador de sertanejo, contudo foi durante a quarentena que assisti a um show *live* de sertanejo. A Marília Mendonça escreve e canta para o seu público. E seus fãs estavam lá. São os fãs de *live* musical de sertanejo.

Então, agora é pensar em quem é o meu netespectador, o que ele gostaria de assistir e o que eu teria para compartilhar com ele. Comecei o exercício por mim mesmo, enquanto netespectador: o que eu estou interessado em ver? O que me prende e me conecta na rede? Se eu passava horas assistindo vídeos de *youtube* em canais variados, acompanhando “estripulias” dos outros no *instagram*, ou estava sem nada para fazer e qualquer coisa serviria, ou estava carente e disponível para assistir outros contextos e ver outras histórias.

Notei que escolhia vídeos e *lives* para aprender algum tema específico, para rir, para chorar ou simplesmente ver uma receita e passar o tempo. O fato é que eu ficava cada vez mais preso diante do celular e do computador. Esclareço que, em excesso, nada é saudável; mas não posso demonizar a rede. Eu tenho o direito de escolha. Eu sou o responsável pelo tempo e pelas escolhas que faço neste canal “democrático”.

Assim, comecei a estudar e refletir sobre este novo perfil de público que surgia. De um dia para o outro, aqueles que eram consumidores, espectadores,

telespectadores no contexto presencial começaram a buscar os seus interesses online na rede. Torcedores de times de futebol seguiam o seu canal. Fãs sertanejos, do sofá da sua casa com um churrasco privado, acompanhavam a *live* musical, simultaneamente, curtindo, comentando no *chat* e compartilhando. E a cantora respondia os comentários dos fãs. Ou seja, os fãs se sentiam mais próximos da interação com a artista.

E onde estava o público do teatro? O que estavam fazendo aquelas pessoas que iam presencialmente ao teatro? O que elas assistiam online? Neste momento, para responder esta pergunta, parti para uma outra reflexão: por que eu gosto de ir ao teatro? Nesta pergunta tentei buscar os motivos que levam as pessoas ao teatro, para entender o horizonte de expectativas do público. Ao responder para mim mesmo, cheguei a algumas respostas. Vamos lá:

- Eu vou ao teatro para ver novas experiências, conhecer novos personagens e conflitos;
- Vou ao teatro para entrar no mundo da ficção e reler a minha realidade;
- Vou ao teatro para rir e para me emocionar;
- Vou ao teatro para ver, ao vivo, um drama acontecendo na minha frente, em que eu, de certo modo, estou interagindo, construindo e respirando junto;



- Vou ao teatro para aprender, transformar-me, sensibilizar-me e ver o mundo por outros olhares;
- Vou ao teatro para sair de casa e ver gente.

Assim que acabei de responder o porquê eu gosto de ir ao teatro, surge automaticamente outra indagação: certo, eu já entendi o porquê de gostar de ir ao teatro, mas por que eu faço teatro? Eu faço teatro por todos os pontos anteriores citados e acrescento:

- Gosto de estar em cena, de vivenciar no meu corpo outros conflitos, outras existências, outros cotidianos;
- Gosto do jogo teatral e do frio na barriga do aqui e do agora, por estar apresentando em tempo real para os espectadores;
- Eu faço teatro para expressar o meu eu e outros *eus*, sensibilizando e sendo sensibilizado;
- Faço teatro para sentir que estou interagindo e dialogando. Ouvindo e sendo ouvido;
- Faço teatro para ser livre e criar.

Eu poderia elencar infinitos pontos de por que eu faço teatro, no entanto a minha decisão já estava tomada: eu decidi que iria continuar fazendo teatro durante a quarentena. Estar em cena, no aqui e agora, vivenciar no meu corpo outros conflitos,

*Júnior Lopes*

transmitir uma mensagem, interagir com o público, criar uma personagem e atuar é, sim, possível ser feito no contexto do teatro virtual. O conflito “mas isso não é teatro” passou também na minha cabeça. Porém eu o solucionei. Pelo menos para mim, estava claro que eu iria fazer Neteatro.

Como artista quero me comunicar e chegar ao meu público. Quero passar uma mensagem de um modo poético, sutil e sensível. No passado, o artista não tinha papel, não tinha tela de pintura, não tinha ferramentas para lapidar pedra, ferro, bronze ou ouro. Não tinha os instrumentos musicais que temos hoje. E todos faziam sua arte. A arte sempre foi criativa e transformadora, utilizando o que tinham disponíveis: pinturas rupestres, utensílios de barro, pedra, aço, bronze, instrumentos musicais de osso, de madeira, de barro etc.

Com o tempo, vão surgindo outros materiais, outras invenções e outros modos de fazer. E o artista é sempre um visionário. Atualiza-se, cria e recria e se transforma com o que tem. Então, agora, o palco é web. E isso é Neteatro.

Fazer Neteatro é um terreno dinâmico em constante transformação, inovação. Hoje temos alguns palcos-webs disponíveis e modos de fazer. Amanhã teremos o Metaverso com muito mais possibilidades para o drama virtual. É enriquecedor acompanhar o fluxo das rupturas e transformações

## NETEATRO

PROCESSOS DE CRIAÇÃO DE ESPETÁCULOS ONLINE

tecnológicas que vão surgindo. Este livro não está preso em um palco ou em uma coxia. Estes processos criativos apresentados aqui estão se atualizando. Este é só o primeiro ensaio. Uma fase inicial ainda com poucos recursos.

Talvez, agora, no seu contexto de leitura, você já tenha novos palcos-web. No entanto, este livro-tutorial não estará desatualizado. Pois a proposta dele é justamente o contrário: abrir possibilidades de avançar, perder o medo e estar disponível para criar coisas novas e fazer diferente. Literalmente sair da caixa. Sair da caixa cênica e buscar outras janelas para abrir e liberar o áudio.

Criei o termo Neteatro, pois a primeira coisa que paralisava muitos artistas a arriscarem virtualmente era a frase: mas isso não é teatro. Então eu digo: tudo bem, não é teatro, é Neteatro. Um teatro ao vivo feito na e para a internet, onde o artista assume uma personagem, que atua e interage com os seus Netespectadores. O artista presente virtualmente, mediado pelas tecnologias e conexões, desempenha/performa, no aqui e agora, um drama da vida real transmitido pelas redes.

## CENA 3

**Onde e como os trabalhos começaram a se apresentar? Como e onde apresentar o meu trabalho artístico?**

No início da pandemia, muitos festivais e grupos de teatro começaram a disponibilizar ao público, *links* com gravações de espetáculos. Grande parte dos festivais teatrais abriram inscrições para selecionar trabalhos artísticos e, nos editais de chamamento, era solicitada, como um dos critérios de inscrição, uma gravação do espetáculo em boa resolução. Nos editais, já era informado aos artistas que a gravação do espetáculo selecionado seria exibida em uma plataforma de streaming e, após a exibição da gravação, seria transmitido, ao vivo, um bate papo com o grupo.

Muitas mostras e festivais de teatro aconteceram neste modelo, com transmissão da gravação/registro do espetáculo. Muitas vezes, a gravação dos espetáculos exibidos, a partir do *link*, não foi feita para esta finalidade. Estas gravações eram registros da peça apresentada presencialmente em um palco. Assim, tinham o caráter de registro e não de audiovisual. É muito comum que os grupos de teatro tenham a gravação/registro do seus trabalhos, uma vez que, em qualquer processo de seleção

para compor uma programação artística, a curadoria pode solicitar a gravação do espetáculo sem edição e cortes. Geralmente, estas gravações de espetáculos têm esta finalidade.

É compreensível que, no início da pandemia, os festivais tenham seguido este formato, uma vez que, por questões sanitárias, não teria a possibilidade dos grupos se reunirem para ensaiar e muito menos conseguiriam espaço para apresentar e gravar. Neste contexto, foi assim que aconteceram a maioria das mostras de teatro adulto, infantil, teatro de rua, mostras de breves cenas e performances.

As críticas e insatisfações foram as mais variadas. Críticas estas feitas pelos próprios artistas envolvidos. Afinal, o evento teatral, no aqui e agora, não estava ocorrendo. As pessoas ficavam diante da tela do celular ou do computador/tablet para assistir uma gravação de um espetáculo que não foi produzido para este fim. Neste sentido, eu também concordei com as opiniões que diziam que isso não era teatro. Talvez, audiovisual sem suporte. Eu, particularmente, digo que é um registro de um espetáculo gravado destinado aos curadores de festivais e avaliadores artísticos. O público comum e até mesmo os próprios artistas não estavam acostumados a assistir estes registros.

Ainda nesta direção, alguns espetáculos foram transmitidos ao vivo de um palco sem plateia e simul-

taneamente gravado e, após a apresentação, esta gravação era disponibilizada em um determinado dia e horário, como se estivesse em temporada.

Acompanhei várias experiências teatrais, analisando os impasses, os pontos que me incomodavam e buscava soluções para os desafios, pois estava decidido que queria estar em cena. Já tinha claro o que queria e o que não queria fazer. Decidi que faria uma personagem ao vivo e online, interagindo com um público síncrono. Então, comecei a me questionar os princípios da verossimilhança, já que queria apostar numa linguagem coerente com o que fosse narrado e que trouxesse a realidade e o dia a dia de confinamento para a cena. Queria trazer o público para o jogo cênico virtual. Assim, precisei responder às seguintes questões iniciais:

- Como e onde apresentar o meu trabalho ao vivo? Qual palco-web escolher?
- Que tipo de interação vou criar? Quarta parede ou olhar para a câmera e conversar com o público?
- Qual a experiência imersiva de aqui e agora vou propor? Onde está a personagem e como ela vai trazer o público para a realidade ficcional da narrativa?

Não tinha clareza sobre as respostas às perguntas acima, mas a certeza que tinha era que não iria gravar um espetáculo ou enviar um *link* de um registro feito em algum dia de 2011. O objetivo era começar os processos de criação e encenação online, levando em consideração o drama pandêmico em curso. Então, mãos à obra. Vamos analisar algumas possibilidades de palco para hospedar/apresentar o trabalho:

- ***Youtube* Palco-Web?**

No *youtube* eu não teria a participação direta com o público no cara a cara ou áudio. A interação seria somente pelos comentários no *chat* ao vivo. Outro ponto é que eu não saberia quem estaria na plateia. As pessoas poderiam entrar a qualquer momento e eu não teria controle. No teatro presencial, eu não aceito que o público entre atrasado; pois, com isso, não irão entender a peça e pode dificultar a imersão. Isso para não dizer que interfere negativamente no palco e na plateia. Então, como o meu roteiro tinha um início, meio e fim, não daria para que o público entrasse a qualquer hora. A parte positiva do *youtube* é a facilidade para acessar. As pessoas recebem o *link* e entram. Não precisa ter programas instalados, nem retirar ingressos. Mas eu não estava interessado em números e visualizações. Meu

objetivo era a experiência imersiva sensível com o público.

- ***Zoom* Palco-Web?**

No início da pandemia, eu não sabia utilizar e nem tinha uma conta na plataforma. Assim, a versão gratuita do *Zoom* me permitiria uma reunião de apenas 40 minutos. A plataforma seria perfeita para a apresentação, contudo ainda não estava muito popular naquele momento. Teria a possibilidade de utilizar a plataforma de eventos *sympla*, com retirada de ingresso e utilização gratuita do *Zoom*. No *Zoom*, é possível utilizar diversos filtros de fundo, como cenários. Compartilhamentos de vídeo e áudio. Maquiagens online. Divisão dos netespectadores por salas. E ainda tem possibilidades de enquetes com o público.

- ***Google Meeting* Palco-web?**

O Google Meeting daria para hospedar a minha experiência. É uma sala virtual, assim como o *Zoom*, na qual podemos saber e controlar quem está nela. Tem muito menos funcionalidades que o *Zoom*, mas este palco-web facilita a interação por vídeo, por chat e por áudio. Também possui possibilidades de compartilhamento.



- ***Instagram* Palco-Web?**

Não tem controle de público e também teria que interagir por *chat* de mensagens. O tempo máximo seria de 50 minutos. Outro ponto negativo é que as pessoas iriam entrar a qualquer tempo, pois não teria a possibilidade da entrada em uma sala exclusiva. Considero o *instagram* mais imediatista e não caberia a minha proposta.

- ***Facebook* Palco-Web?**

Assim como o *instagram*, as pessoas não entrariam em uma sala com áudio, vídeo e *chat*. Apesar de ter essa possibilidade, não era o mais comum. No *facebook*, seria a transmissão de uma *live* para quem estivesse passando por ali naquele momento e não necessariamente entrariam porque queriam participar da experiência. Assim como o *instagram*, as pessoas iriam visualizar, contudo este público “não saiu de casa para ver o teatro”, somente estava passando por ali.

- ***Whatsapp* Palco-Web?**

O *Whatsapp* é um aplicativo de mensagens instantâneas, seja de texto, videoconferência, áudios

e fotos. Quando iniciou a quarentena, o *whatsapp* permitia chamada para quatro pessoas e era a plataforma mais utilizada e que gastava menos dados. Então, decidi que iria usar esta plataforma, pois queria um aplicativo que a maioria tivesse e fosse mais popular. Assim, decidi fazer minha peça para 3 pessoas por sessão, totalizando 4 comigo na tela de whatsapp. A ideia de manter quatro pessoas na tela facilita a nitidez para ver o rosto e expressões de todos. Então, defini pelo *whatsapp* Palco-Web e vou trazer esta experiência na próxima sessão.

Todos os Palco-Web acima são excelentes para as apresentações artísticas. Cada um possui as suas especificidades. Definir em qual palco cabe o seu espetáculo, levando em consideração a dramaturgia da peça apresentada e as relações que se quer estabelecer com os netespectadores, vai garantir a imersão e interação dos participantes. No teatro presencial, o espaço cênico (palco italiano, arena, semiarena, palco alternativo e rua) direciona dramaturgicamente a forma de construção e recepção do espetáculo; logo, no Neteatro, pensar em qual palco-web se apresentar é fundamental e tão importante quanto a escolha do espaço teatral físico.

Até aqui apresentei para você meus impasses, questionamentos e reflexões sobre o meu encontro e diálogo com o Neteatro. Trouxe os contextos pandêmicos, as artes de quarentena, as relações com os

## NETEATRO

PROCESSOS DE CRIAÇÃO DE ESPETÁCULOS ONLINE

netespectadores e os Palco-Web. Compartilhei com você a maneira como o Neteatro me atravessa e os caminhos que tomei nessa transição do teatro presencial para o Neteatro. Na próxima seção deste livro-tutorial, vou descrever os processos de criação com um passo a passo para que você também tenha novas ideias e possa criar o seu. Vamos continuar na nossa jornada!



zaharayalla



CENÁRIO/ILUMINAÇÃO DE YALLA, GO! COMO SOBREVIVER EM GUERRAS E OUTRAS SABOTAGENS

# PASTA DOIS PROGRAMAS



# PROCESSOS DE CRIAÇÃO DE ESPETÁCULOS ONLINE

## 1. O que é NETEATRO?

Neteatro foi o termo criado por mim para designar o que estou desenvolvendo artisticamente: um espetáculo virtual, exclusivamente criado para o palco-web. Um espetáculo ao vivo, online, transmitido pela internet, por meio da câmera do computador/celular. O contato com outro dá-se por meio da câmera, do áudio, do chat de mensagens e da janela de transmissão. Assim, o espetáculo tem, na plateia virtual, os *Netespectadores*.

O espetáculo Neteatral só existe na condição de ao vivo, pois o evento acontece no instante imediato em que é apresentado. A experiência que o espetáculo ao vivo proporciona aos netespectadores não pode ser comparada com uma gravação de um espetáculo. No Neteatro, a experiência é única e singular em cada apresentação.

Outro ponto fundamental para pensar o Neteatro é a interação. Na transmissão ao vivo do Neteatro, todos os envolvidos (artistas e netespectadores) se sentem parte do processo e da construção da peça. Ambos estão participando do jogo cênico virtual.

## 2. Quem é o NETESPECTADOR?

O netespectador é um web-espectador. Os *youtubers* ou *influencers* irão chamar os seus netespectadores de fãs e/ou seguidores. Todo *influencer* (*youtuber*) está buscando seguidores, ou seja, alcançar um público específico, com interesse no conteúdo que estão desenvolvendo em seus canais ou redes sociais. Neste sentido, *youtubers* e seguidores mantêm uma relação de “se inscrever, curtir e compartilhar” e, também, “cancelar”.

Então, se os *influencers* buscam os seus seguidores, eu, como artista de Neteatro, busco netespectadores. Onde está aquele espectador de teatro presencial? Será que ele não gostaria de participar, virtualmente, de uma nova experiência neteatral? E os seguidores dos *youtubers* que já nascem virtual, será que eles já não estão familiarizados com esse novo formato e alguns não poderiam se interessar pelo Neteatro?

Antes eu buscava “formar plateia, formar espectadores”. Hoje, tenho interesse em estudar e buscar o novo público que se forma virtualmente: os netespectadores. Com o Neteatro, rompem-se as fronteiras geográficas e é comum que os netespectadores estejam em diferentes cidades, estados ou até países. Netespectadores não compartilham o mesmo espaço físico, já que cada um pode estar geograficamente em um lugar diferente. No entanto,

virtualmente compartilham o mesmo palco-web na sala de transmissão e, pela tela do computador/celular, o espaço virtual ficcional será criado para ambientar e receber estes netespectadores.

### 3. Qual o perfil do NETESPECTADOR?

O netespectador, assim como o web-leitor, tem padrões diferenciados de recepção. O ambiente da rede produz comportamentos específicos muito diferentes da experiência presencial. Vídeos de *youtube* mais assistidos, *vlogs* e *e-books* mais vendidos possuem algumas características em comum que podem ajudar a pensar na experiência que o netespectador espera:

- Objetividade na mensagem;
- Tutoriais e passo a passo;
- Maneiras de solucionar um problema de maneira prática,
- Empatia com o apresentador, sua história e sua mensagem;
- Narrativas que se cruzam com a vida do netespectador;
- Linguagem simples e direta;
- Proximidade entre o apresentador e o netespectador;
- Múltiplas formas de interação;

*Júnior Lopes*

- Ineditismo e sensacionalismo;
- E muitos outros formatos.

Já com relação ao espaço, o netespectador não se desloca até um espaço físico, ele vai acompanhar o Neteatro de algum lugar específico. Pode estar sem carregador de celular, na rua, em casa, em local barulhento, deitado, comendo, cozinhando e lhe assistindo. Além disso, como ele está navegando na internet pelo celular, o netespectador está exposto a uma infinidade de aplicativos e outros estímulos virtuais que podem tirar a sua atenção e fazer com que ele abandone a sua sala, o palco-web.

Presencialmente, ele teria mais dificuldade em abandonar a sala de espetáculo. Levantar no meio de um espetáculo e ir embora pode gerar vários constrangimentos. Afinal, o espectador terá que se levantar, muito provavelmente em uma sala escura, e assim trazer incômodos para os presentes. Quem abandona uma sala de teatro presencial não consegue sair sem ser percebido.

No entanto, virtualmente, o netespectador só fica se ele realmente quiser ou puder. Ele pode sair sem ser percebido e sem gerar incômodos. Ele simplesmente pode dizer que a internet caiu. E está tudo bem. O netespectador é um perfil que está em constante transformação neste ambiente online. É preciso estar atento a esta nova relação. Abaixo listo



algumas dicas para se relacionar com os netespectadores:

- Não obrigue o seu netespectador a nada: não o obrigue a abrir a câmera, a escrever no chat, a responder no áudio. Você não sabe de onde ele está lhe assistindo. Então, talvez ele não possa e não se sinta confortável em abrir a câmera; ele está ali para te ver e não, necessariamente, para que você o veja.
- Seduza-o. Instigue-o. Provoque-o, criativamente, para que ele queira interagir com você. Encontre sua maneira de fazer com que seus netespectadores curtam, comentem e compartilhem experiências naturalmente;
- Crie sua estratégia para cativar e sensibilizar seu netespectador. Você não deve ter como objetivo milhares de visualizações. Você não tinha milhares de espectadores assistindo ao seu espetáculo no teatro. Não teria capacidade e assentos;
- Você deve buscar um netespectador que vivencie junto com você o Neteatro. Você deve conduzir o seu netespectador na sua jornada;
- O Neteatro já acontece com apenas duas pessoas: você no palco-web e o netespectador do outro lado, na transmissão.

#### 4. Como ADAPTAR uma peça já existente para o contexto AO VIVO e ONLINE?

Vamos supor que você tenha uma peça de teatro, coletiva ou individual, que gostaria de adaptá-la para Neteatro. Ou que você tenha um texto teatral que gostaria de adaptar para este formato ao vivo e online. Inicialmente, é preciso levar em consideração se o argumento da peça pode ser adaptado para o virtual. É importante esclarecer que existem infinitas possibilidades de adaptar, criar, encenar um texto teatral. Não é uma receita de bolo que proponho aqui. Como já foi dito anteriormente, apresento sugestões para adubar o terreno da criatividade. Estou partindo de uma dramaturgia linear, com algumas fragmentações na narrativa e *flashesbacks*. No entanto, nada impede que você crie outras possibilidades experimentais e contemporâneas de Neteatro. Aqui, vou apresentar algumas perguntas que podem ajudar na adaptação da sua peça ou de um texto que decida transpor para o Neteatro:

1. A peça é linear?
2. A peça é fragmentada?
3. Terá como objetivo os princípios da verossimilhança?
4. Qual história vou contar?
5. Possui narrações do passado?

6. Flashbacks?
7. Quem está contando a história e para quem?
8. O tempo ficcional é o mesmo tempo do discurso?
9. Que conflito vai ser compartilhado?
10. Qual ficção será criada para que os personagens estejam diante da câmera?
11. Tem quebra da quarta parede? As personagens olham diretamente para a câmera e interagem com os netespectadores?
12. As personagens interagem com a própria plataforma que a peça está sendo transmitida?
13. Possui mesclas de “cenas do aqui e agora” ou “cenas de *flashbacks* e memórias”?
14. Como os netespectadores vão saber da história? Serão testemunhas oculares? Participam da narrativa?
15. Qual é o espaço da ficção? Como será o espaço real da encenação?
16. Existe coerência para que esta peça seja apresentada virtualmente?

Para exemplificar os processos de adaptação de espetáculo presencial para o Neteatro, vou utilizar de três peças em que atuo e das quais precisei fazer a adaptação. Nestes exemplos, trago algumas respostas para as perguntas acima. Na terceira parte deste livro, você pode conferir os textos adaptados

Júnior Lopes

na íntegra de *Tabule: A Casa Caiu; Yalla, go! Como Sobreviver em Guerras e Outras Sabotagens; e Cassandra Lives no Presídio: uma Trans-missão Amazônica*. Abaixo apresento três processos de adaptação:

1. Tabule, uma tragicomédia árabe (unipessoal, monólogo);
2. Cassandra-Br Transamazônica (unipessoal, monólogo);
3. Refugiados Show! (coletivo);

## PRIMEIRO EXEMPLO DE ADAPTAÇÃO

### **Tabule, uma tragicomédia árabe**

#### **Argumento da peça original apresentada presencialmente:**

Zahara é uma libanesa que tem a urgência em se desfazer do peso das suas confissões. Uma personagem sem lugar e em constante deslocamento, que se assume como confessora/delatora de sua própria vida recriando sua história expondo os seus desejos e seus delitos. Marcada pela impossibilidade de ajustar seu corpo e sua existência perante uma lei implacável, Zahara faz do público a sua pedra de lamentações e, no dia do velório de seu marido no Brasil, ela vai aos poucos se revelando e se transformando na cômica heroína de sua triste saga.

## Adaptação

### **TABULE: A Casa Caiu!**

#### **Argumento da adaptação da peça presencial para o formato online:**

Zahara é uma libanesa que tem urgência em se desfazer do peso das suas confissões. Uma personagem sem lugar e em constante deslocamento, que se assume como confessora/delatora de sua própria vida. Ela recria sua história expondo seus desejos, defeitos e delitos. Marcada pela impossibilidade de ajustar seu corpo e sua existência perante uma lei implacável, Zahara faz do público a sua pedra de lamentações e, no dia do velório online de seu marido, após a explosão que destruiu, matou e feriu milhares de pessoas em Beirute, ela vai aos poucos se revelando e se transformando na *fênix* heroína de sua triste história.

Na peça presencial, a personagem Zahara recebe amigos, familiares e conhecidos em sua casa, por motivo do velório de seu marido Salim. Na versão online, o texto foi atualizado e traz a explosão do Porto de Beirute e ela, por questões sanitárias do covid-19, recebe os convidados do velório virtualmente, em uma reunião do *Zoom*.

A personagem narra a sua história diretamente para o público, interagindo por meio de chat,

Júnior Lopes

vídeo e áudio. A peça também apresenta cenas do passado com quebras da narração. Por este motivo, a cenografia e iluminação foram pensadas em dois planos: o plano real do velório (tempo real) e o plano da memória (tempo da ficção).

Na peça original, a personagem, ao final do espetáculo, prepara um atentado terrorista e explode o teatro com o público dentro. Ela, no entanto, escapa e foge, dizendo que não é mulher bomba nem suicida.

Já na versão online, ela informa aos convidados do velório que, durante a transmissão, hackeou os computadores e celulares de todos, pegando todos os arquivos. Zahara insinua que, a partir daquele momento, todos estariam em suas mãos. Assim, ela encerra a chamada dizendo aos presentes que o que aconteceu no velório ficaria no velório ou todos sofreriam consequências.

## SEGUNDO EXEMPLO DE ADAPTAÇÃO

### **Cassandra, Br-trans-Amazônica**

**Argumento da peça original apresentada presencialmente:**

Cassandra Baby é uma travesti, artista e presidiária que ganha fama nacional e internacional após protagonizar um show no presídio em plena

rebelião. Sangue e cabeças rolando e Cassandra Baby não desceu do salto. As cenas foram filmadas por presidiários, compartilhadas e viralizadas nas redes sociais. Cassandra fica famosa e é liberada todos os fins de semana para apresentar seus shows no palco da vida.

### Adaptação

#### **Cassandra *Lives* no Presídio: uma Trans-missão Amazônica**

#### **Argumento da adaptação da peça original presencial para o formato online**

Cassandra Baby é uma travesti, artista e presidiária que ganha fama nacional e internacional, após protagonizar um show no presídio em plena rebelião. Sangue e cabeças rolando e Cassandra Baby, de máscara e com um frasco de álcool em gel, continuou dançando e não desceu do salto. As cenas foram filmadas e compartilhadas ao vivo por presidiários e logo viralizaram nas redes sociais. Após esta repercussão, o Presídio lançou um Programa de *Lives*, no qual foi dado a Cassandra o direito de se apresentar uma vez por semana virtualmente: *Cassandra lives no Presídio, uma Transmissão Amazônica.*

Na peça original, o lugar da ação é o palco. Cassandra é liberada uma vez por semana para apresentar o seu show-teatro para seus espectadores. Na versão virtual, ela apresenta uma transmissão ao vivo, por meio do Zoom, do próprio presídio. No contexto presencial, ela convida pessoas da plateia para sentar e tomar com ela uma cerveja e, assim, interage constantemente com os espectadores. Já virtualmente, na *live*, a interação se dá por meio de *chat* do Zoom, áudio e vídeo. A personagem narra sua história para o público e, em certos momentos, remonta cenas do passado e interrompe a narrativa. Na versão online, interage com o público real como se fossem seus seguidores.

A peça original finaliza com uma emboscada, um tiro e um apagão. Em um primeiro momento, não se sabe quem levou o tiro: Cassandra ou o policial. Quando a luz acende, o policial é quem está morto no chão.

Na versão virtual, quando ela está contando o motivo pelo qual foi presa, o policial invade a sala em que se está transmitindo e ali se inicia uma discussão. Os netespectadores se dão conta que o policial era o Mateus, um colega de infância de Cassandra, que abusou sexualmente dela. Após uma discussão, ouve-se um tiro. Poucos segundos depois, Cassandra volta para a transmissão e insinua que o policial deu



um tiro na própria cabeça. Os netespectadores são testemunhas desta morte.

## TERCEIRO EXEMPLO DE ADAPTAÇÃO

### Argumento da adaptação da peça original Cartas de Refúgio ou (Re)fuja-se (D) aqui!

Refugiados, por meio de cartas, contam suas histórias para uma plateia de um programa de televisão sensacionalista, o Refugiados Show! Eles têm a esperança de serem escolhidos para viver no Brasil. O Programa apresenta as histórias destes refugiados, interpretados por atores e, ao final, o vencedor recebe um prêmio em dinheiro para ajudar nos gastos de refúgio. No entanto, o verdadeiro sonho que todos eles compartilham seria que nada disso tivesse acontecido: “Lá tem guerra, aqui também”.

### Argumento da adaptação da peça original presencial para o formato online Refugiados Show!

O espetáculo é um reality show ao vivo e online, em que refugiados, por meio de mensagem, vídeos e áudios, compartilham suas histórias para uma plateia virtual de um programa sensacionalista, Refugiados Show! Estas histórias são selecionadas

e interpretadas por atores e atrizes do programa e o público decidirá quem será o refugiado vencedor que ganhará o prêmio e o apoio para todos os trâmites de legalização no Brasil.

Na peça original, o texto sugere que o Programa Refugiados Show seria transmitido ao vivo de um palco com plateia presente. As apresentadoras falam direito com a plateia presente no teatro e se comunicam também com os telespectadores que estão assistindo ao Refugiados Show pela televisão. Na adaptação virtual, o Programa acontece ao vivo na plataforma do *Zoom* para convidados. As apresentadoras e os atores que irão participar do jogo defendendo refugiados estão todos em suas janelinhas do *Zoom*.

No texto original, o programa recebe inscrições de refugiados por *emails* e cartas. Nestas cartas e *emails*, eles contam suas histórias e dizem o porquê querem morar no Brasil. Os atores interpretam esses refugiados a partir destas cartas e o público decide quem vai ganhar o jogo naquela noite.

Na adaptação online, os refugiados mandam suas histórias por meio de vídeos, áudios e mensagem de texto enviados para o *instagram* do Programa. Alguns refugiados estão presentes, assistindo aos atores interpretando as suas histórias. No entanto, ficam no anonimato, pois muitos não podem ser identificados por questões de segurança e perse-

guição em seu país de origem. As histórias são apresentadas ao vivo e intercaladas por vídeos. Os netespectadores acompanham tudo e votam em quem deve ganhar o programa. A votação é online, por meio do *Zoom*.

Estes foram os três processos criativos de adaptação de trabalhos já existentes. No próximo capítulo, vamos falar sobre os processos de criação de um espetáculo novo que já nasce no ambiente virtual.

## 5. Como CRIAR uma peça ONLINE e AO VIVO?

Anteriormente, falamos em adaptar, ou seja, uma peça já existente em um formato e o processo de adaptação e transposição para o palco-web. Mas, e quando vamos realmente criar algo novo? Na adaptação, o caminho é buscar, dentro da dramaturgia, fios condutores que se justificam para a passagem para o palco-web. Já na criação, vamos partir do “zero”.

### 1. Que drama encenar?

A vida é um drama. São infinitas narrativas. Você pode encenar o drama que você quiser. Pode experimentar, pode fragmentar, pode simplesmente ficar em silêncio diante dos netespectadores. Pode contar uma história. Pode não contar nada. Que a

liberdade criativa seja bem-vinda!!! Estamos em um momento em que devemos, mais que nunca, experimentar. Experimente ao vivo. Que no seu espetáculo tenha cenas gravadas não é problema. Mas, para se estabelecer no que proponho como Neteatro, é fundamental que seu espetáculo aconteça no aqui e agora. São muitos e múltiplos processos criativos e outros tantos que estão surgindo a cada dia com os avanços tecnológicos. Neste livro-tutorial, você percebeu que trago meus processos e sugestões com o intuito de que possam lhe trazer novas ideias para criar os seus espetáculos a partir da sua estética e do seu contexto. Aqui destaco as minhas escolhas dramaturgias e estéticas.

Minha sugestão em **Que drama encenar** é buscar conflitos da vida online. Dramas atualizados para o contexto atual ou dramas do passado relidos para o contexto de agora. O mundo está imerso em um drama coletivo e a questão da *vida como ela é*, dita por Nelson Rodrigues, agora pode ser *A vida como ela é online*. Sugiro pesquisar conflitos atualizados que possibilitem a imersão dos netespectadores no drama online encenado.

Em oficinas presenciais de dramaturgia, em que eu tenho como foco o tema da criação de unipessoal, começo o trabalho com as seguintes perguntas: O que eu quero falar? Para quem? Como? Por que eu quero dizer isso? Ou também: O que me incomoda e

preciso compartilhar? Quem sou eu como artista? O que eu gostaria de assistir? Que tema gostaria de ver? Eu consigo encenar este tema? Tem algum autor ou texto que trata disso? Onde buscar referências?

Neste capítulo, compartilho com você o 1) *Checklist* de Criação; 2) o meu primeiro processo de criação online; e 3) outras ideias para inspirar. Minha sugestão para criar é buscar o que você está cheio e o que tem necessidade de falar, de compartilhar. Seja honesto com você mesmo para que a criatividade brote.

## CHECKLIST DE CRIAÇÃO

### **Pesquisa Criativa**

1. O que eu quero dizer? Transmitir? (Tema, conflito, mensagem, debate, informação, denúncia, testemunho, fragmentos, etc.).
2. Para quem eu vou transmitir? (Perfil das pessoas que acredito estarem interessadas ou precisam ouvir o que tenho a dizer).
3. Como vou dizer? Quero fazer rir? Chorar? Impactar? Refletir? Sensibilizar? Ensinar? (A criação pode trazer todos estes pontos, mas pode facilitar o processo se você dirigir uma linha ou princípio para conduzir o processo).
4. Qual a forma em que vou passar a mensagem? (Linear, fragmentada, experimental, poética, ima-

ginária, textual, imagética, metafórica, informativa, narrativa ou dialogada, etc).

5. Onde encontro material para dar suporte criativo ao que quero dizer? (Artes, literatura, cinema, artes plásticas, redes sociais, tecnologia, jornais, histórias, fatos e notícias, depoimentos, história oral, etc.).

## **A Ficção Compartilhada Ao Vivo e Online**

1. Qual a história vou contar? Sinopse. Argumento.
2. Quem vai se apresentar ao público? Personagens.
3. Que conflito será compartilhado?
4. Qual a ficção será criada para que as personagens estejam diante da câmera?
5. Qual a relação estabelecida com o netespectador? Imersiva? Quarta parede?
6. Ele participa da ficção? Ou são somente “testemunhas oculares” da ficção?
7. Qual o tempo real da transmissão e qual o tempo real da ficção?
8. Qual o palco-web (plataforma) mais adequado para a apresentação?
9. Os personagens interagem com a plataforma que apresentam?
10. Quais plataformas funcionam para o trabalho e quais não são adequadas?

Na minha primeira criação online, eu trouxe a personagem Zahara, do espetáculo *Tabule*, para o *Chá Comigo em Quarenta e Uma Noites*. A personagem recebe três pessoas, em um grupo de whatsapp, dois dias antes da apresentação da peça. Estas três pessoas interagem neste grupo coordenado pela própria personagem Zahara. Ela, neste grupo, conta um pouco da sua história, compartilha fotos, áudios e vídeos e solicita para os participantes do grupo que compartilhem um pouco da história de cada um.

O grupo fica ativo por dois dias até que a personagem, no horário combinado do segundo dia, faz uma chamada por vídeo neste grupo de *whatsapp*. Neste momento, todos se apresentam e a peça dá início. A personagem entrelaça suas histórias com a dos convidados. Ela possibilita uma imersão dos netespectadores, pois estes participam ativamente da construção da narrativa. Considero que a peça começa desde a criação do grupo de *whatsapp* culminando com o encontro virtual do *Chá Comigo*. Importante ressaltar que *Chá Comigo em Quarenta e Uma Noites* não tem um texto definido, mas sim um roteiro previamente preparado. Pergunta: é teatro fazer uma apresentação em um grupo de *whatsapp*? Sim, é Neteatro! Neteatro com direito a tudo: a frio na barriga para entrar em cena ao vivo e online com os netespectadores na minha frente. Cenário totalmente preparado para remeter a um quarto árabe.

Júnior Lopes

Personagem entra em cena para levar uma mensagem, uma poesia. Interação direta com os netespectadores. Sensação de dever cumprido quando fecham as cortinas, ou melhor, encerra a chamada de vídeo. Apresentei este trabalho por dois meses seguidos toda quarta e sábado.

*Alguns argumentos de dramas online para dar ideias:*

## TPM EM QUARENTENA

Glória, uma atriz que há anos está longe dos palcos, decide voltar para a cena teatral e fazer uma *live* para ela mesma. Não tem seguidores, não tem *instagram*, não tem *facebook*. Em plena quarentena forçada pelo covid-19, ela resgata suas memórias, seus sonhos, ambições e decepções. Em um dia de TPM, abre o seu vinho e dá início a sua transmissão pelo *youtube*. Glória vai costurando seu fracasso, revendo seus erros, brindando sua frustração. Tudo que ela não conseguiu levar para o palco quando trabalhava como atriz, nesta *live* ela encena. A atriz vai desenhando poeticamente o seu percurso e, assim, surpreende-se revisitando suas memórias e superando os traumas que já tinham deixado cicatrizes. Aos poucos, diante do seu isolamento, ela se encontra. Foi preciso TPM e quarentena para que ela percebesse que a arte e a poesia sempre estiveram



presentes nela. Ela constata que, bem antes da pandemia do covid-19, já havia colocado sua máscara, álcool em gel e buscado manter o distanciamento do palco. A transmissão, que começa sem nenhuma visualização, aos poucos ganha uma visibilidade inacreditável: mil pessoas assistindo simultaneamente.

## A VINGANÇA DE ZORAIDE

Zoraide, uma cartomante, tem um canal no *youtube* com milhares de seguidores. Ela acerta todas as previsões que faz ao vivo pelo seu canal. Zoraide testou positivo para o covid-19 e, mesmo doente, quis seguir com as suas previsões ao vivo. Na semana que ela estava doente, todas as previsões que fez falharam. A previsão que gerou maior repercussão foi a vitória do Cruzeiro em cima do Atlético. No entanto, o Cruzeiro perdeu de goleada. Os atleticanos voltam ao vídeo da previsão e enchem de comentários, desqualificando Zoraide. A vidente fica furiosa e decide perseguir os seus seguidores. Ela vai atrás de um por um. Convida todos os seguidores para uma *live* e, a partir dali, pesquisa nomes, canais e e-mails dos que comentaram negativamente em seus vídeos do *youtube*. Ela escreve uma mensagem exclusiva para cada seguidor que a criticou, dizendo que irá compartilhar ao vivo as intimidades deles. Inclusive irá divulgar ao vivo como será a morte de cada um.

## BBB DARLENE

Uma travesti, Darlene decide instalar uma câmera no seu quarto para filmar todos os homens que recebe, sigilosamente, em seu apartamento de periferia. Homens da alta sociedade, políticos e religiosos. Ela grava todos eles. Um dia, Darlene lança uma chamada no seu *instagram*, convidando as pessoas para uma transmissão ao vivo do seu apartamento no dia dos namorados. Ela receberá um convidado especial para um jantar e “otras cositas más”. Essa notícia se espalhou na cidade e os representantes políticos e religiosos, juntamente com a sociedade, tentam impedi-la de fazer esta transmissão ao vivo. No entanto, ela encaminha para cada um dos envolvidos (político, religioso e empresário) um vídeo deles gravado no seu quarto, pois todos eles já haviam passado por sua cama. Darlene faz uma ameaça: se eles continuassem com essa história, iria compartilhar os vídeos. Darlene então exige que eles não só apoiem o evento, como também criem leis de proteção e inclusão na sociedade. Sem outra saída, todos esses representantes articulam um plano para convencer a cidade de que ninguém teria o direito de impedir que Darlene apresente sua transmissão.

## 6. Quando gravar cenas anteriormente?

Gravar determinadas cenas e intercalar com a apresentação ao vivo é interessante. Pode trazer outras possibilidades para contar a história. Tem a possibilidade, inclusive, de usar o vídeo como pano de fundo de alguma cena ao vivo. A gravação de cena deve fazer sentido dentro da construção da ficção e da estética escolhida pela encenação. São várias as possibilidades de experimentação de espetáculos híbridos. De certo modo, no teatro presencial contemporâneo, é muito comum no palco a projeção de vídeos, imagens e outros. No Neteatro também. Seja criativo e proponha algo que ninguém ainda viu.

## 7. Como trabalhar os elementos da encenação (luz, figurino, maquiagem, cenografia, sonoplastia)?

### **Iluminação:**

Ter uma iluminação para diferentes planos (presente, passado e futuro); jogar com a iluminação pode trazer diferentes possibilidades de mudanças de cenas na narrativa.

### **Sonoplastia:**

Atenção com o objetivo da sonoplastia. Você pode compartilhar o áudio do computador, ou mesmo um áudio externo, por sua própria janelinha. Depende do objetivo que quer criar para a cena. É possível também pedir para os netespectadores compartilharem a música.

### **Figurino:**

Deve levar em conta as partes do corpo que serão mostradas em cena. Não é o mesmo figurino presencial, já que a funcionalidade de um vai ser diferente do outro. Se as personagens vão ficar sentadas o tempo todo, não tem necessidade de calçado, por exemplo. Só se, por uma questão psicológica de composição da personagem, o ator precise estar calçado. (*Observação:* é possível utilizar figurino totalmente virtual. Ainda não utilizei nos meus trabalhos, por isso não posso avançar no tema).

### **Maquiagem:**

Dependendo da plataforma, a maquiagem é feita virtualmente. O *Zoom*, por exemplo, traz possibilidades de batom, sobrancelha e base/corretivo no rosto. Há outros aplicativos que também têm estas funções. A maquiagem para a câmera é específica, não

precisa de ser tão forte e grande como a do palco. Os netespectadores vão te ver de perto pela janelinha.

**Cenário:**

No cenário você pode usar filtros de fundo com vídeos e imagens, se julgar interessante. Também é necessário organizar o cenário real, a partir do foco de visão da câmera. Cenário virtual de pano de fundo distorce a imagem do ator. Então, para cenas que exigem movimentos, não é interessante o pano de fundo.

## 8. Atuação e improvisação virtual?

Trabalhar com a ideia de estar no presente, no aqui e agora, é ter consciência que a vida é dinâmica e está em constante movimento. Podemos planejar, escrever e ensaiar uma cena, mas não podemos controlar como ela realmente vai acontecer. Durante uma apresentação, algo pode sair diferente do planejado, e é nesta hora que o artista deve ter jogo de cintura e presença cênica para solucionar o imprevisto que lhe é apresentado. A preocupação é inimiga da presença cênica. Se você está “pré-ocupado” com o que pode acontecer, você não está ocupando o seu lugar no presente. Você está se ocupando previamente de algo que pode ou não ocorrer. Atuar no ambiente

virtual ao vivo gera alguns desafios que acabam dificultando a atuação: durante a cena, você não deve se preocupar se o cachorro vai latir, se o vizinho vai bater na porta, se o vizinho de cima vai brigar com a esposa ou com as crianças, se a sua internet vai cair, se o computador vai travar, etc. O ideal é que você se ocupe da sua ação e, se algo fora do contexto aparecer, aceite e traga para a cena. Não finja que o seu gatinho não passou na frente da câmera. Aceite-o e traga-o para a narrativa. Tais imprevistos e situações podem acontecer com o artista que se apresenta e com os netespectadores que estão assistindo. É certo que, dependendo da cena, alguns desses eventos podem comprometer a narrativa, mas aí entra a improvisação. Temos que ter cartas na manga para nos entregarmos à cena e assim estar disponíveis para as circunstâncias e adversidades que a vida naturalmente nos apresenta. No Neteatro não vai ser diferente. Então, para atuar e improvisar em uma cena ao vivo e online, eu me faço as seguintes perguntas e reflexões:

- O que me impede (ou pode me impedir) de estar no aqui e agora ao vivo e online? Quais são os possíveis imprevistos que podem acontecer durante a minha transmissão? Como tentar minimizá-los? Eu consigo jogar com eles cenicamente?

- Acredito no que estou fazendo? Tenho atenção e foco durante o meu jogo cênico?
- Sou exibicionista e fico me observando e criticando minha imagem na tela do computador? Ou me ocupo em desempenhar um bom papel no aqui e agora?
- Escuto-me e escuto os netespectadores? Leio os comentários e observo as expressões de quem está com a câmera ligada? No teatro presencial não escutamos os comentários do público enquanto estamos apresentando, pois o público não fica conversando durante a peça. Porém, no virtual ao vivo, sim. A gente está atuando e vendo as mensagens chegando. Estou preparado para esta interação? Críticas e elogios no exato momento da cena? Se não estou, não posso deixar o *chat* habilitado durante a apresentação.
- Tenho dificuldade de me ver na câmera e lidar com o silêncio dos netespectadores, uma vez que os microfones e câmeras podem estar todos desligados?
- Na câmera, nossa imagem está enquadrada. O meu olhar para a câmera, meus gestos e minha postura corporal estão realmente transmitindo a mensagem que quero?
- Meu corpo está em alerta e condiz com a cena que narro? Ou me apresento sentado e sem energia?

Júnior Lopes

No próximo tópico, compartilho com você alguns exercícios que podem ser feitos para praticar a atuação e a improvisação online. A dica geral é: esteja no presente. Jogue. Corpo alerta: se estou vivo, estou ao vivo!!! Improvise!

## 9. Como ensaiar com o grupo, virtualmente?

### O Corpo

Nos ensaios virtuais com grupo, é fundamental praticar exercícios de alongamento e aquecimento. Se presencialmente, o aquecimento corporal é essencial, na cena online não vai ser diferente. Exercícios de ginástica laboral e *home office* são bem vindos. Tomar consciência do corpo, alongar, aquecer e ativar os movimentos. Sentir o peso e a leveza do corpo. Sentir o corpo sentado, em pé. Perceber se o corpo está relaxado, coluna esticada, ereta, pernas e pés relaxados. Notar se o seu corpo está ou não vestido para a cena. Se está calçado ou descalço. Qual o corpo compartilho para o netespectador? Como me sinto ao vivo em cena? Se o corpo fala, o que o meu está comunicando para os netespectadores?



## Aquecimento

### 1. Exercícios corporais

**Instruções** - Todos devem abrir suas câmeras e apresentar/mostrar/vivenciar o que se pede a partir do corpo:

1. Um corpo conectado;
2. Um corpo desconectado;
3. Um corpo admirado;
4. Um corpo cancelado;
5. Um corpo observado;
6. Um corpo ignorado;
7. Um corpo leve;
8. Um corpo pesado;
9. Um corpo tímido;
10. Um corpo extravagante;
11. Um corpo sendo filmado;
12. Um corpo sendo fotografado;
13. Um corpo confinando;
14. Um corpo doente;
15. Um corpo espontâneo;
16. Um corpo falso.

**Observação:** No ambiente online e virtual, o corpo está emoldurado e enquadrado em uma janelinha. Qualquer movimento corporal influencia a mensagem que queremos passar. No Neteatro, fazemos e

nos vemos ao mesmo tempo. Muita atenção para não cair em um corpo exibicionista e, assim, sair do aqui e agora e perder, conseqüentemente, a verdade cênica.

## 2. Exercícios para “encarar” a própria imagem

O instrutor pede para que todo o grupo (elenco) abra a câmera e se observe. Olhe suas imperfeições. Pense no que incomoda no corpo, na imagem na tela. O que você gosta no seu rosto? O instrutor pede que cada um se levante e mostre o corpo inteiro. De frente, de lado. De costas. Todos com as câmeras desligadas, exceto o participante que está se “exibindo”, este terá a câmera ligada.

O instrutor pede para que cada um escreva no *chat* uma informação que ouviu do outro: Fulano não gosta de se ver na tela pois se acha gordo. Beltrano não se sente confortável em se ver. Etc.

## 3. Exercício para “encarar” o espaço físico

a. O instrutor pede para que todos deixem as câmeras desligadas e solicita que cada um descreva onde imagina que o outro esteja. Descreva o local com detalhes. Após esta descrição, a pessoa que teve o ambiente descrito abre a sua câmera e compartilha a sua intimidade, ou seja, o local de onde está conec-

tado. O que as pessoas acertaram e o que erraram na descrição detalhada do espaço?

**b.** O instrutor pede que cada um abra sua câmera e descreva o lugar em que está e o que está vendo na sua frente. Que descreva como está vestido ou calçado. Que sons escuta ao seu redor. Desde o som mais próximo ao som mais distante.

#### **4. Exercício para “encarar” o silêncio**

O instrutor pede para que todos fechem a câmera e desliguem os microfones. Somente um participante deixa sua câmera e áudio ligados. O instrutor pede para que ele fique em silêncio, encarando a própria imagem, e dá instrução para que seja executado em silêncio pelo participante:

1. Um olhar sensível para a câmera;
2. Um olhar incomodado com o silêncio;
3. Um olhar disponível;
4. Um olhar assustado;
5. Um olhar de dúvida;
6. Um olhar de medo da tecnologia;
7. Um olhar espontâneo;
8. Um olhar falso;
9. Um olhar de incômodo vendo a própria imagem;
10. Um olhar de desprezo vendo a imagem do outro.

**Observação:** É importante perceber se você está olhando muito para a própria imagem diante de uma transmissão, ou se está olhando para a imagem de alguém, em específico. Para onde você olha? Qual o objetivo? Seria muito ruim ministrar uma palestra olhando somente para uma pessoa da plateia. Virtualmente, também não podemos olhar somente para uma janelinha da tela. É interessante mudar a direção dos olhares e estabelecer a relação direta com a câmera, se for esse o objetivo.

## 5. A Voz, o Texto e a Interpretação

Cada participante deve, individualmente, abrir a câmera e repetir as seguintes frases com diferentes intenções e alturas. O instrutor vai dando os comandos/ações e as frases para serem repetidas:

### SUGESTÕES DE FRASES PARA O EXERCÍCIO

1. Quem sabe faz ao vivo e quem não sabe também.
2. Se curtiu, compartilha.
3. Se inscreva no canal e aperte o sininho de notificações.
4. Se a sua internet cair, levanta e volta.
5. O que você está achando de tudo isso? Deixa nos comentários.
6. Se gostou, dê um *like* para ajudar o canal.

7. Olá! Boa noite a todos e todas. Eu sou o Zoom e sejam bem-vindos ao Neteatro.

## SUGESTÕES DE COMANDO E AÇÕES

Repita as frases acima utilizando os comandos abaixo:

1. Aproximando e se distanciando da câmera;
2. Mostrando somente a boca, ou o olho ou os olhos;
3. De costas;
4. Sussurrando;
5. Gritando;
6. Falando lentamente;
7. Falando muito rápido;
8. Cantando o texto;
9. Falando como um *youtuber* famoso;
10. Falando como um anfitrião de plataforma.

Ainda no contexto de ensaios e reuniões com a equipe de trabalho, sugiro organizar e definir questões técnicas da produção. A seguir, apresento uma pequena *Checklist* que deve ser observada antes da apresentação virtual. Muitas vezes, o próprio elenco assume algumas das funções que estão elencadas abaixo. Deve-se levar em conta que, para a boa experiência online dos netespectadores, é importante

arrumar a casa para recebê-los e informar as regras do jogo/sala. Que todos tenham um bom espetáculo!

## CHECKLIST TÉCNICA

1. Ter um banner do trabalho com informações do que vai ser apresentado, nome dos integrantes, tempo de duração, faixa etária e local/plataforma/palco-web que será apresentado (deixe este banner como tela de fundo, enquanto os netespectadores ingressam na sala);
2. Apresentar, por escrito, vídeo ou explicado oralmente, ao vivo, como devem ser feitos os ajustes e configurações necessárias para melhor acompanhar a peça pelo celular ou pelo computador;
3. Conferir com os participantes se todos estão ouvindo;
4. Informar sobre o uso ou não do áudio, do vídeo ou do chat;
5. Informar sobre a duração do evento para que os netespectadores tenham claro se terão disponibilidade de permanecer;
6. Informar ou não como será a interação com os netespectadores;
7. Sugerir que busquem um espaço confortável de intimidade para acompanhar o espetáculo;
8. Checar carregador e bateria do celular ou computador;

9. Ver as condições de internet e de espaços privados e informar que tudo pode acontecer: uma chuva, um congelamento de imagem, queda de internet, cachorro pode latir, gato entrar em cena, delivery tocar interfone, etc. Se cair, volte. Se o artista cair, tenha paciência;
10. Estejam presentes e disponíveis com a gente.

E estamos chegando ao fim da nossa trilha...

Até aqui, você me acompanhou nesta jornada do Neteatro e nos processos de criação de espetáculos ao vivo e online. Espero que, durante este processo, você tenha tido outras reflexões e novas ideias para processos artísticos voltados ao ambiente virtual. Não se encerra por aqui. A tecnologia e a vida se atualizam em um clique e, assim, vão surgindo novas ferramentas e novos atalhos tecnológicos. Na próxima seção, compartilho com você três textos dramáticos dos quais sou responsável pela criação e atuação. Foi a partir destes trabalhos que pude refletir, propor e escrever este livro. Espero que essa nossa caminhada tenha feito sentido para você. Nos vemos na próxima transmissão! Mas, é importante levar em consideração que a conexão não pode ser interrompida. No fim do livro, compartilho os canais nos quais você pode me encontrar virtualmente.

Obrigado pela conexão!

**Lives no Presídio**  
Apresenta

**Cassandra**

**Uma Transmissão Amazônica**  
zoom

**Cia Peripécias de Teatro**

29,30 e 31 de Março  
19h Rondônia  
Ingressos gratuitos:  
[www.sympla.com.br](http://www.sympla.com.br)  
Informações:  
@ciaperipécias  
Classificação  
14 anos  
Criação e Atuação  
Júnior Lopes

LEI ALDIR BLANC  
SEJUCEL  
Superintendência da Juventude, Cultura, Esporte e Lazer  
GOVERNO DO ESTADO DE RONDÔNIA  
SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA  
MINISTÉRIO DO TURISMO  
PÁTRIA AMADA BRASIL  
GOVERNO FEDERAL

PROJETO CONTEMPLADO NO EDITAL Nº34/2021/SEJUCEL- RECURSOS DO GOVERNO DO ESTADO DE RONDÔNIA/SEJUCEL/ FEDEC/RO, POR MEIO DA LEI FEDERAL 14.017/2020 (LEI ALDIR BLANC)

#cassandra #ineteatro

CARTAZ DIVULGAÇÃO DO ESPETÁCULO DE CASSANDRA

3000 views



Júnior Lopes  
@juniorlopes

SUBSCRIBE 2.0M

# PASTA TRÊS EXTENSÕES

TEXTOS/ROTEIROS DAS PEÇAS ONLINE





1) *Tabule, a casa caiu*; 2) *Yalla, go como sobreviver em guerras e outras sabotagens*; e 3) *Cassandra lives no presídio: uma Trans-missão Amazônica* são espetáculos online unipessoal de minha autoria. Atuei nestes três trabalhos, entre 2020 a 2022, e todos eles foram apresentados ao vivo e online. Abaixo, compartilho com você o texto/roteiro completo.

## 1º ATO

### YALLA, GO! Como sobreviver em guerras e outras sabotagens

*Júnior Lopes*

**SINOPSE:** YALLA, GO! Como sobreviver em guerras e outras sabotagens é uma Cartilha Cênica, ao vivo e online. A peça é apresentada por Zahara, uma libanesa sobrevivente em duas guerras oficiais no Líbano e outras guerras pessoais. Zahara apresenta pratos cheios de memórias e lições de como permanecer de pé e se levantar diante de bombardeios. A protagonista do “Yalla, go!” também é apresentadora do Programa “*Chá Comigo em Quarenta e Uma Noites*”, em que recebe convidados para compartilhar um Chá Virtual por chamada de *WhatsApp*

Júnior Lopes

nas noites de quarentena. “Yalla, go” e “Chá comigo em Quarenta e Uma noites” são experimentos cênicos que classifico de Neteatro: online e ao vivo para os netespectadores, mediados pela tecnologia.

**Personagem:** *Zahara Yalla, libanesa de aproximadamente 50 anos.*

*(O palco-web preferencial é o Zoom ou Google Meeting. É importante a interação com o público e, por isso, em uma sala fechada com os convidados, esta interação é mais direta. A personagem pode estar em um cômodo real de sua casa que tenha referência ao Oriente Médio. Não é necessário pano de fundo específico. No entanto, se preferir, pode utilizar diferentes filtros por meio do Zoom, já que esta plataforma disponibiliza esta ferramenta. A peça já foi apresentada pelo Youtube e, neste contexto, a interação se deu através do chat ao vivo. Além disso, as pessoas que assistiam foram incentivadas a encaminhar áudio para o instagram da personagem. Estes áudios foram compartilhados ao vivo. Entretanto, ao se apresentar em uma sala fechada, a interação é melhor, pois é possível que todos se vejam ali. A personagem tem uma cartilha na mão e segue um roteiro/texto para apresentação. Ela tem fichas, romãs, xícaras de café para a leitura da borra, tarot egípcio. No início da apresentação, ela vai sortear uma xícara de café e uma carta para alguns participantes e fará a leitura. Esta será a primeira interação para aquecer os netespectadores).*

**Palco-Web:** de preferência *Zoom*.

**Netespectadores:** podem permanecer com as câmeras ligadas ou desligadas; o áudio deve ser desligado e somente ativado em momentos de interação. O chat de mensagens de texto fica aberto durante toda a apresentação.

## **Roteiro**

### **Apresentação:**

**Zahara:** Marhaba (*Olá*), Pessoal! Kifkon (*Como estão vocês*)? Ahla u sahla fikon (*Sejam todos bem-vindos*)! Sejam todos muito bem-vindos! É um prazer ter vocês aqui nesta transmissão. Se alguém quiser falar, pode usar o chat. Levantar a mão. Abrir a câmera. Estejam à vontade. Beiti, beitkon (*minha casa é a casa de vocês*)! Eu sou Zahara, mais conhecida por Zahara Yalla. Sou libanesa de nascimento e brasileira de coração. Cheguei ao Brasil em 2008 para trabalhar de kibeira no Habib's Brasil. Sou viúva e já rodei muitas Babilônias antes de cair em Rondônia. Sou muçulmana do meu jeito. E celebro a liberdade de ser e viver sem medo. Sou sobrevivente de duas guerras oficiais no Líbano e inúmeras guerras pessoais. Sobrevivi à explosão do Porto de Beirute, no dia 4 de agosto de

Júnior Lopes

2020. Atualmente estou isolada, mascarada e higienizada na guerra corônica. Por tudo isso, acho que estou autorizada na teoria e na prática a apresentar para vocês a minha cartilha de cabeceira: Yalla, go! Como sobreviver em guerras e outras sabotagens. *(mostra a cartilha em sua mão)*

Mas, antes de apresentar a cartilha, eu quero conhecer um pouquinho de quem está aí. Vou usar com alguns de vocês uma tradição árabe ancestral: a leitura da borra do café.

*(Escolhe alguém do chat ou da sala para ler o café. Escolhe outra pessoa para ler uma carta do tarot egípcio. Improvisa com as pessoas, busca interagir de acordo com os convidados. Ao final da leitura, que não pode ser muito longa, volta para cena.)* Bem pessoal, se eu continuar aqui vamos ficar mil e uma noites pra dar conta da cartilha. Então, deixa eu seguir o roteiro.

## Prólogo: Arteiras Casamenteiras do Brasil

**Zahara:** Eu sou interlocutora e mediadora cultural do Projeto Arteiras Casamenteiras do Brasil. Um programa, sem fins lucrativos, destinado às brasileiras que se casam com libaneses pela internet e vem morar aqui no Líbano com a família do marido. Por questões de choque de cultura, essas brasileiras acabam rodando a baiana aqui no Líbano, descendo a peia, quebrando o pau *(enfática)* na cabeça da sogra,

do marido e dos cunhados libaneses. Ou seja, fazem arte aqui no Líbano e estão cumprindo pena alternativa. São chamadas de Arteiras do Brasil! Só para vocês entenderem o nível da coisa, vou contar a história de Cláudia: *(Zabara conta a história de maneira despojada, com pausas que julgar necessárias e com naturalidade)*

1. Cláudia é uma manaura que casou com um libanês pela internet. Veio morar em Beirute, na casa da família do marido.
2. Em Beirute, nessa família tradicional, ela virou dona de casa. Se converteu ao islamismo e colocou o véu por vontade própria.
3. A vida estava tranquila. A única coisa que ela já estava cansada era ter que fazer café para a sogra e para o cunhado que ficavam em casa o dia todo.
4. Um dia, ela disse que não iria fazer o café para o cunhado. Ele gritou com ela e disse que era pra ela correr pra cozinha e fazer logo.
5. Cláudia, num excesso de raiva, deu um murro na cara do cunhado. Foi uma raiva acumulada de muita coisa. O cunhado pagou o pato.
6. Ela quebrou o nariz dele e ambos foram parar na delegacia.
7. Cláudia teve duas alternativas: ficar presa ou cumprir pena alternativa.
8. O cunhado decidiu a pena para retirar a queixa: Cláudia deveria fazer café para ele três vezes por dia.

Júnior Lopes

9. Cláudia saiu. Ela cumpre pena em liberdade fazendo café para o cunhado. O cunhado, libanês muito esperto, sempre que ela vai servir o café, pede para ela provar primeiro e só depois servir. Ele tem medo de que ela o envenene. Cláudia, manaura, 34 anos, segue em Beirute. Não largou o marido, pois tem um filho com ele. E se ela largar, o filho fica com o pai.

10. Cláudia fez arte no Líbano. Ela é uma Arteira Casamenteira do Brasil.

Então, essa cartilha que apresento para vocês aqui, eu também apresento para um grupo de mulheres aqui no Líbano. Pois essas mulheres precisam de amparo psicológico ou apoio de amigos para seguir. Então, Yalla, go!

## CENA 1: Teorias e Práticas do Yalla

**Zahara** *(Inicia com uma pergunta aberta ao público. Se o público não responder, ela segue com o texto. Se responder, ela improvisa e dá continuidade: O que significa Yalla? Qual a relação com a guerra? Aguarda respostas e, na sequência, segue com o texto)*

**Zahara:** Em uma guerra, eles te fazem acostumar com a sintonia da morte, do medo e do combate e, assim, vem a paralisia. A guerra deixa as pessoas

paralisadas. Yalla é o contrário... Yalla é segue... vá em frente. Adiante... adiantamento. *(Zahara então direciona as perguntas abaixo ao público):*

**Quais são os momentos que te paralisam? Qual foi a última vez que você se sentiu paralisado/a?**

*(Ela pede para que as pessoas respondam no chat ou levantem a mão, abram o áudio e, se possível, abram a câmera para compartilhar a ideia com todos. Se as pessoas não comentarem, ela segue o texto)*

**Zahara:** O olhar paralisante do outro, o olhar do ocidental... às vezes me paralisa... Olhar de superioridade. Por exemplo *(Zahara pergunta):* **Como você me vê? Com que olhar você vê os árabes?** *(Ela pede para que as pessoas respondam no chat ou levantem a mão, abram o áudio e, se possível, a câmera para compartilhar a ideia com todos. Se as pessoas não comentarem, ela segue o texto)*

**Zahara:** Eu sou vista como mulher, submissa, terrorista, estado islâmico, fanática e exótica, odalisca, mulher que dança em cima de camelo... *(muda de tom, para cômico)* não que eu não dance; mas, no Líbano, nem tem deserto muito menos é terra de camelo.

**Exemplo:** Eu vou ao supermercado e todo mundo me olha torto. Eu gosto. O povo parece que fica com

Júnior Lopes

medo. *(muda de tom)* Gente, eu uso o véu não por submissão. Eu gosto. Eu gosto de ver vocês incomodados comigo. Muitos acham que tenho uma bomba na minha bolsa? *(mostra a bolsa)* Tem até uma bomba aqui. A fatura do cartão de crédito. É impressionante a contradição: ocidente me olha como uma pobre coitada sem face, sem voz, sem vez... ou como uma radical, uma combatente de Allah, ou terrorista. Terrorismo... este é outro tema que sai caro para gente. Deixa-me explicar para vocês o que faz o terrorismo. Alguém quer falar? Escreve nos comentários. *(É sempre importante que a personagem confira os comentários e ouça o público. A improvisação e interação é fundamental no trabalho)*

**Zahara:** O que faz o terrorismo? *(responde)* Muda uma situação política pelo medo.

**Exemplo:** Uma ação terrorista de um árabe mata 10 pessoas em Madrid e deixa 10 milhões querendo matar todos os árabes ao redor do mundo. Depois de uma ação terrorista em alguma parte do mundo, é só eu sair na rua que vai ter um monte de gente me xingando de vagabunda, terrorista, árabe de merda. E alguns, ainda, querendo me matar.

**Primeira conclusão teórica:**



“O segredo de sobrevivência em uma guerra é buscar manter a mínima parcela de normalidade até que venha um novo ataque”.

## Parte 2

*(Zahara abre a sua cartilha, que pode ser à mão, pode ser um quadro, podem ser fichas ou até mesmo um compartilhamento pelo Zoom. Ela começa com o segundo ponto da cartilha de sobrevivência)*

**Zahara:** Pessoal, então vamos para o segundo tópico da minha cartilha.

### 2. Vibrar (por) ou livrar-se (de)

Em uma guerra, podemos analisar dois tipos de pessoas. Aquelas que vão vibrar por algo e outras que vão precisar livrar-se de algo. Cada um enfrenta da sua maneira. Vamos as duas definições: Eu vibro por... ou eu me livro de...

**Vibrar:** meditação, observação, paz, paciência, equilíbrio, harmonia.

**Livrar:** luta, eliminar, ódio, medo, pânico.

Júnior Lopes

Não são todos que devem morrer como mártires... Zahara não é uma mulher bomba. Temos aquelas pessoas que vão para o campo de batalha e muitas vezes precisam doar a sua vida por uma causa maior. E também precisamos daquelas pessoas que vão ficar para tomar conta da casa, da cidade e dos que ficaram. Esses que ficam não são menos importantes do que aqueles que partiram para a luta. Na guerra, nos manipulam para brigar, para a destruição. Nos dividem. Distorcem o nosso olhar.

## 1. Mosca e guiri guiri guiri

Harari, no livro *21 lições para o século XXI*, conta uma história que vou adaptar aqui pra gente. Pensa numa mosca tentando destruir uma loja de porcelanas. A mosca é tão insignificante e fraquinha que não consegue mover uma única xícara de chá. Então como ela vai destruir a loja inteira? Ela acha um touro, entra em sua orelha e começa a fazer um guiri guiri guiri infernal. (*interpreta a cena*) Imagina essa mosquinha. Entra fica o tempo todo no ouvido do touro: guiri guiri guiri guiri guiri guiri. O touro se enfurece, de medo, de loucura e de raiva, e destrói a loja inteira, tentando se livrar desse guiri guiri guiri na sua cabeça. (*Conclui*) Será que vamos deixar os outros fazerem esse guiri guiri guiri na nossa orelha? Será que não estamos fazendo guiri guiri guiri no

ouvido dos outros? Lembre-se que a mosca só se alimenta de coisas ruins. Gente ruim também.

## 2. Mosca e abelha

**Zahara:** Você tem olhar de mosca ou de abelha? Quem arrisca? (Após o povo falar, Zahara conclui.) A mosca enxerga a merda. A abelha, o mel e as flores. O que estamos vendo? Com que olho?

*(Zahara abre o terceiro ponto de sua cartilha e apresenta.)*

## 3. Teorias à “goela abaixo”

**O que você faz quando lhe impõem algo à força?  
Cospe, engole ou vomita?**

1. Cuspir (não vale a pena). Quando cospe, pode vir uma guerra!
2. Engolir (mastiga e resolve). Mas, se engole, pode fazer mal depois!
3. Vomitar (engole, não cai bem e passa mal).

**Zahara:** Quando eu não quero comprar a briga, muito menos engolir algo que não me desce, e também não quero passar mal e vomitar, eu uso a técnica do guardanapo. Mantenho o impasse na boca, sem engolir. Então, como uma boa atriz, faço

Júnior Lopes

que engoli; mas, com a ajuda de um guardanapo, eu tiro o espinho e jogo fora. Ninguém percebe. Mas não sou contra quem cospe ou engole e vomita. Cada uma cria a sua estratégia. E, às vezes, a saída é cuspir mesmo. Partir para a briga.

*(Abre a quarta parte da cartilha)*

#### 4. Impasses

**Zahara:** Quando a gente está engasgada, entalada, com um nó na garganta. Oprimida. O que fazer com esse impasse? Para resolver impasses, a saída é a negociação com o outro. Precisamos de ajuda. O que eu faço: levanto os braços e indico que estou engasgada e peço uma ajudinha - um tapa nas costas. O impasse, na maioria das vezes, voa longe.

*(Já com ares de finalmente.)*

**Zahara:** Bem, pessoal, a gente vai chegando ao fim da exposição teórica. Agora é hora de um exemplo prático. Zahara ama a prática. Teoria e prática. Então eu vou ler uma carta para vocês.

### Exemplo Prático:

Naquele dia, eu estava sentada tomando chá e comendo esfirra. Meu tia estava lá dentro fazendo oração. De repente senti o chão tremer e, na sequência, veio uma grande explosão. Caí no chão. Abri meu olho e tudo era cinza. Fumaça. Poeira. Eu não conseguia escutar nada. Com a explosão, meu ouvido ficou tapado. Surdo. Aos poucos, fui me levantando e, bem baixinho, comecei a ouvir lá longe alguém gritando Yalla... yalla... Respirei fundo e tentei me levantar dos escombros. Era tanta poeira, tanta fumaça... Parecia que, quando eu respirava, o ar entrava como caco de vidro. Rasgando tudo. Um gosto de sangue riscava a minha garganta. Comecei a ouvir gritos mais altos e fortes de Yalla, Yalla... go, go... Até que escutei um grito no meu ouvido, ensurdecedor: *(Zahara, como se estivesse gritando, se aproxima da câmera, mas não pronuncia a palavra, somente gesticula com a boca como se estivesse gritando)* Yaaaaaallllaaaaaa!!! Eu fiquei de pé. Sai correndo. Quando consegui me afastar da fumaça, da escuridão, olhei para trás. Estava tudo de cabeça para baixo. Meu mundo revirado. Tudo destruído. Mais uma vez eu me vi naquela situação. Sem nada. Nem a roupa do corpo, se é que pode chamar aquilo que sobrou de roupa. Naquele momento eu respirei fundo, levantei a cabeça e olhei para frente. E foi com muita dificuldade que eu escutei lá dentro,

Júnior Lopes

vibrando bem baixinho, mas potente: Yalla, Zahara, Yalla...go... (Faz um silêncio ensurdecedor. Chora. E continua com o texto.) Esta cartilha é uma homenagem a todos que estão conseguindo se levantar e yalla... e para aqueles também que perderam as forças e não puderam mais se levantar..., mas, lá dentro, sempre está ecoando um grande Yalla. Neste exato momento tem muitas bombas caindo ao redor do mundo. Na cara de alguém. Tem muita gente sendo obrigada a deixar suas casas, sua terra, seu país. Yalla, go! Infelizmente. *(Coloca um vídeo ou uma música, de preferência, Li Beirut, cantada por Fairouz)*

DESLIGA A CÂMERA  
FIM

# 2º ATO

## TABULE: A CASA CAIU

### VERSÃO ONLINE

#### de Tabule, uma tragicomédia árabe

de Júnior Lopes

*(Computador ligado no Google Meeting ou Zoom. A anfitriã, Zahara, recebe os convidados e vai autorizando a entrada. Uma música árabe instrumental toca. A personagem vai cumprimentando cada um. Depois de entrar todos, ela vai mostrando as placas com as recomendações para o Velório Online do Marido. Estas recomendações são as instruções da peça online: manter o microfone desligado, se a internet cair, voltar. Abrir a câmera se estiver confortável. A interação pode ser feita a qualquer momento pelo chat de mensagem textual, etc. Vai tirando a música aos poucos e dá início.)*

#### **Cena 1: Sejam Bem-vindos - Ahla u Sahla**

**Zahara:** Marhaba ya heluin! (Olá, queridos!) Kifkon? (Como estão vocês?) Shu ahbarkon? (Quais as novidades?) Minah? (Bem?) Hamdillah Salame! Ahla ou Sahla ficou... (Graças a Deus na paz! Sejam todos bem-vindos!) Sejam todos bem-vindos na minha casa, quer dizer,

Júnior Lopes

no meu sala Zoom. Mesmo que a distância, estou muito feliz de receber vocês neste momento tão difícil, que é o velório de meu marido Salim. Se for um velório, já é um momento triste, imaginem vocês, online. *(Muda de tom.)* Mas tem coisa boa também. Ninguém precisa gastar com roupa e sapato preto. Aqui no Líbano, é um vexame repetir roupa ou sapato em velório. Todo mundo repara. Tem até uma expressão aqui que diz: *“Fulano só tem uma roupa de velório”*. Bem, e como vocês sabem, com tantas mortes que estão batendo na nossa porta, está difícil, para não dizer impossível, ter tanta roupa preta para o velório. *(Muda de tom.)* Um esclarecimento: Eu não autorizei autópsia em Salim. Logo, aqueles que me ligaram o dia inteiro, perguntando se foi corona ou se foi a explosão do Porto de Beirute ... só Allah sabe.... Mas o velório entrou na regra do corona. A distância e sem aglomeração. Alguém aqui também perdeu algum afeto neste período e teve que fazer velório suspenso? Se quiser compartilhar com a gente, pode abrir a câmera e o microfone.

*(Depois que alguém compartilhar, Zabara coloca uma música. Se ninguém compartilhar nada, ou isso acontecer pelo chat de mensagem textual, ela lê o comentário e agradece.)*



## CENA 2: Syngué Sabour – Pedra da Paciência (referência no Livro: Syngué Sabour, Pedra de Paciência, de Atiq Rahimi)

**Zahara:** A partir de agora, eu vai contar tudo. Depois de corona, da explosão do Porto de Beirute e da morte de Salim, decidi que meu boca não é mais túmulo. A Casa caiu. Não aguenta mais tanto segredo, tanta mentira. Hoje, no velório online de Salim, eu vai contar tudo com detalhes. Eu vai fazer de você, Salim, e de todo mundo que está aqui hoje, de meu *syngué sabour*. Minha pedra de paciência. Para quem não sabe, *syngué sabour* é uma pedra de paciência que acolhe os lamentos de quem se confia a ela. O dia em que essa pedra receber muitas tristezas, ela explodirá em uma erupção apocalíptica. Beirute, provavelmente, se lamentou demais na *Syngué sabour*, na pedra da paciência. E explodiu. O mundo todo viu. Mas, hoje, eu vou contar tudo. Meus lamentos, minha dor, minha condição feminina, tudo. Até que eu seja libertada de todos os meus tormentos. E quem tiver aqui hoje nesta transmissão do Zoom e não tiver paciência (*Muda de tom.*) - eu sei que mundo online é cansativo - então deixa câmera desligada e microfone também e vai lavar uma trouxa de máscara de corona e no final vocês voltam. Pelo menos garante o número na sala do velório. E quem não quiser ficar de jeito nenhum... vá para... (*Ela*

Júnior Lopes

*quase pronuncia a palavra merda, mas corrige e fala Mecca)*  
Vá para Meca. Visitar a Pedra Negra. Então, a partir de agora, vocês vão saber tudo. A casa caiu. Tudo pode acontecer.

### **CENA 3: Salim e Zahara no paraíso, segundo o Alcorão**

*(Zahara, pega uma foto do Salim, o Alcorão e um tapete. E começa a conversar com a fotografia de Salim.)*

**Zahara** *(chorosa, entre o drama e o cômico):* Omri, Ayune, qalbi, habibi... Shu Ana rah amel hala? *(Minha vida, meus olhos, meu amor... O que eu vou fazer agora?)* O que Zahara vai fazer agora que você se foi, Salim? Eu estar muito cansada. Eu só trabalha. Com isolamento e confinamento, Zahara fica em casa o dia todo fazendo comida, entregando delivery, lavando máscara de Salim, passando álcool em gel de cinco em cinco minutos em Salim... Ualla?! Eu não aguenta mais tanta humilhação. Que sorte mais triste. Eu só trabalha. Eu faço questão de almofadinha com fios de ouro para sentar do lado de Allah. Coladinha. Ahh, Salim, você foi bom esposo. Mas, casamento é uma escravidão santificada. Nada mais que isso. Tudo era no seu hora. Cama, mesa e banho. Casa, comida e roupa lavada. Eu não tinha direito a nada. Tudo era pra você, Salim. E os meus sen-

timentos, meus anseios, a minha dor? Não merecia nenhuma atenção, Salim? Pois é, Salim, agora você está aí. Morreu. *(Muda de tom.)* Mas não liga, Salim. Porque está escrito aqui no Livro Sagrado *(pega o Alcorão e lê)*: para o muçulmano fiel na guerra... *(Dirige-se aos netespectadores.)* Salim muito fiel. *(Continua a leitura do Alcorão.)* Para o muçulmano fiel que alcançar o paraíso, eles serão recebidos por sedutoras e lindas virgens, jamais tocadas por homem algum, que atenderão aos seus anseios e satisfarão a todos os seus desejos sexuais. Cada homem possuirá setenta e duas virgens. *(Olha para o alcorão, olha para a fotografia de Salim.)* Ahhh, Salim, tá bom. *(Toma um susto e encontra uma parte no alcorão que fala sobre as mulheres.)*

**Zahara:** Tem uma parte que fala da recompensa para a mulher também. *(Dirige-se aos netespectadores.)* Não tinha visto esta parte no meu livro. Tá escrito assim *(lê o alcorão)*: “Para a muçulmana fiel”... *(Muda de tom, fazendo referência a ela mesma.)* Zahara... Zahara muito fiel. *(Continua a leitura do alcorão.)* “Para a muçulmana fiel que alcançar o paraíso, elas terão a alegria máxima”... Alegria máxima... *(Toma um susto.)* “Alegria máxima de recitar o alcorão e terão o supremo êxtase de ver o rosto de Allah”. *(Decepcionada, olha para cima, como se estivesse falando com Allah.)* Allah, nada contra, mas... *(Continua a leitura.)* “Ao redor destas mulheres haverá crianças que nunca se

Júnior Lopes

tornarão adultas”... *(Interrompe a leitura e conversa com Allah.)* Allah, eu não tive filhos. *(Continua, lendo indignada.)* “Claro, uma vez que a mulher muçulmana não possui nenhum impulso sexual *(Olha desconfiada para alguém da sala.)* não haverá parceiros sexuais para elas no paraíso». *(Respira, respira, decepcionada e com bastante cautela, dirige-se novamente a Allah.)* Allah, me perdoe. Mas eu tenho uma dúvida: quem foram essas 72 virgens aqui na terra que vão realizar desejos sexuais de Salim e não vão cuidar de crianças no paraíso? *(Curta e grossa.)* Não me responde, eu já sei. Só pode ser as Sharmutas, as putas, odaliscas, as pistoleiras... É assim, puta sharmuta na terra recebe recompensa no paraíso?!!! E eu, Allah? Muçulmana fiel? Olha, *(direta e objetiva)* eu vou começar a fazer minha primeira revelação aqui hoje. Eu vou ser uma dessas 72 virgens. Porque eu fui odalisca lá no Cairo. *(Começa música e Zahara dança como uma odalisca de maneira cômica. Ela faz um show, como se estivesse lembrando os momentos do Cairo. Encerra a música, ela se senta cansada e retoma a conversa com os netespectadores.)*

#### **CENA 4: O Cabaré e a Picadinha da CoronaVac**

**Zahara:** Ai, gente, que saudade da época que eu fui odalisca. Não vejo a hora de levar a picadinha da CoronaVac para eu poder ir dançar de novo lá nos Cabarés do Cairo. Porque aqui em Beirute, *Khallas,*

esquece! Gente, alguém aqui já vacinou, tomou a segunda, terceira, quarta dose? Tem alguém com saudade de cabaré, de dançar? Aqui no Líbano, quando a gente tem uma indisposição com alguém, a gente ameaça a pessoa e fala que vai dançar no velório dela. Então, alguém aqui nesta sala teve algum problema com Salim? É a hora de dançar no velório dele. Quem tem coragem...? Coloco a música e quem puder libera microfone e *cam* e dança... Será que não tem ninguém com saudade de festa? De cabaré?

*(Coloca uma música que pode ser árabe ou pode ser uma balada em qualquer língua. Se for em outra língua que não seja o árabe, seria interessante uma música famosa do momento. Acaba a música e Zahara volta para a cena com os seus convidados do velório, os netespectadores.)*

## **CENA 5: Abusos de Infância e Adolescência**

**Zahara:** Gente, vocês estão me vendo assim, mas tem alguém por trás desse véu. Dessa máscara. *(Tom de narração.)* Eu morava na zona rural do Líbano, quando um desgraçado de um beduíno que andava por lá acabou comigo. O filho da puta me chamou para catar tâmaras com ele. Eu amo tâmaras. E, naquele momento, nem sabia que meu região do Líbano nem tem pé de tâmara. Mas, eu fui. Catar

tâmaras com beduíno. No caminho, beduíno foi encontrando damascos. Figos. Foi comendo damascos e figos. Ele não tirava os olhos de mim. Eu fiquei com muito medo. Beduíno então foi comendo damascos, foi comendo figos e comeu (*muda de tom*) Zahara. Eu era a tâmara. (*Com tristeza e pesar.*) Eu era pura, eu era virgem. Eu era de Allah. Tão frágil. Tão frágil. Naquele momento, eu tinha 9 anos. Beduíno nem ligou. Todos os dias queria tâmaras. Todos os dias queria Zahara. Um dia, beduíno se escondeu atrás do pé de damasco. Meu irmão viu homem se aproximando. Desconfiou e ficou só observando. Beduíno nem notou. Tirou o kibe pra fora e ficou me mostrando. (*Cara de susto, como se estivesse vendo a cena na sua frente.*) Alí, meu irmão, o matou. (*Com ar e tom de vingança.*) Primeiro cortou quibe de beduíno e transformou beduíno num eunuco. Depois, deu punhalada certa e sacrificou beduíno como se faz com um carneiro. Foi muito sangue. E eu fiquei traumatizada e fiz promessa: (*olha para cima como se estivesse olhando para Allah no céu*) Allah, eu nunca mais quero ver quibe em toda meu vida. (*Muda de tom.*) Mas... foi só promessa. Acho que, a partir daquele momento, eu fiquei psicologicamente abalada e nunca mais fui a mesma com os homens. Meu primeira lembrança vivida foi de violência. Muitas moças árabes são obrigadas a entregar sua juventude a homens como esse beduíno que se nutre da nossa beleza. E é devorando

esposas quase meninas que esses homens se mantêm fortes. Mais tarde soube que o meu próprio pai tinha me negociado com beduíno em troca de um camelo. Mas meu irmão não sabia do acordo e beduíno se deu mal. Mais tarde fui obrigada a engolir isso.

*(Volta para a narrativa.)* O tempo foi passando... Eu já adolescente estava debaixo do meu cama lendo as mil e uma noites. Aquelas histórias eram tão lindas. Eu sonhava todas as noites que era Sheherazade. Linda, linda, linda. Mas, baba me descobriu debaixo da cama lendo esse livro... Me pegou pelos cabelos. Pegou as mil e uma noites e rasgou cada uma. Ele disse que esse livro espalhava a corrupção. E ele falou comigo: *(fala como se fosse o seu pai)* Zahara, ou você vai embora agora, ou eu te mato ou te mando para o departamento protetor da virtude e preventivos de vícios. *(Para o público, em tom explicativo)* Para quem não sabe, departamento protetor da virtude e preventivo de vícios quer dizer chibatada. *(Fala, olhando para cima, para Allah.)* Allah, chibatada não. Eu levantei, peguei minhas coisinhas e fui embora. Assim, faço minha segunda revelação: além de odalisca, no Cairo eu fui prostituta.

*(Música árabe lenta e instrumental. Zahara muda a luz e faz uma cena como se estivesse dentro de um quarto de um prostíbulo no Cairo.)*

Júnior Lopes

**Zahara:** *(Com música de fundo.)* Nunca pensei que fosse me sentir tão mulher sendo puta. Recebo para escutachar os homens. Os otários me pagam para bater e cuspir na cara deles. Me vingava todos os dias dos homens. Descontava toda a minha raiva transando com eles. Eu estava cansada de ser argila macia que os homens amassam, pisam e retorcem de acordo com seus prazeres individuais. Agora quem estava amassando e maltratando era Zahara. Estava tudo indo direitinho, até que um xeique saudita entrou no meu quarto. Eu disse: Chega, Xeique. Kifak, Xeiqui? Shu ahbarak? Minih? Hamdillah saleme... O que você quer que eu faça? Shu bedak? Faz camelo, Zahara... Akid. Claro, você que manda, haweja habibi. *(Volta a falar, direcionando para a câmera, o público.)* Xeique foi ficando louco. Louco por Zahara. Shu? Você quer que eu bata? Aiwa, Aiwa... Cuspir? Aiwa... *(Ela bate forte nele. Faz uma cena com uma almofada árabe. A almofada representa o Xeique. Ela bate muito e se assusta, pois o Xeique desmaiou.)* UUUUUU! Xeique pifou!!! Morreu. Que sorte mais triste a minha. Eu devo ter jogado pedra na tenda do profeta Mohamed, El salamu aleiku. Eu me senti uma aranha. Ou uma abelha rainha que mata seu macho após o prazer... Cairo não dá mais. Eu vou pra Marrakesh.



*(Entra uma música marroquina que faz referência ao deserto. Também instrumental. Ela sai correndo de um lado para o outro na tentativa de fugir daquele local.)*

## **CENA 6: Dançando no Camelo**

**Zahara:** Eu peguei carona em um camelo de arara. Uma espécie de pau de arara que leva beduínos e beduínas, animais e especiarias do Cairo para Marraquesh. Como eu não tinha o dinheiro para pagar o passagem, me ofereci para dançar durante o percurso. Dançar em um camelo pra mim era fácil... *(Começa a dançar como se estivesse em cima de um camelo.)* Mas... fui ficando com sede. *(Ela simula que está conversando com o dono do transporte de camelo.)* Me dá um pouco de água. *(Ela imita a voz do dono do camelo e responde.)* La (não, em árabe, é lá). La, Zahara, dança. Dança, desgraçada. *(Zahra volta a pedir água.)* Só um pouquinho. *(Dono do camelo.)* Dança, desgraçada! *(Zahara começa a pedir água e cai no chão. Do chão, diz o seguinte texto.)* Eu não aguentei e caí do camelo. Caí naquela areia quente. Beduíno nenhum fez nada. Eles ficaram me filmando, curtindo e compartilhando. Oh, raça que eu odeio é beduíno. Ô racinha. Raça ruim, mana. Mas eu pensei comigo... eu vou escapar. Não vou morrer na areia. *(Fazendo força para se levantar e segurando no seu próprio véu como se fosse o rabo do camelo.)* Eu seguirei no rabo do camelo e fui

Júnior Lopes

puxando... *(Muda de tom.)* Camelo cagou no meu cara. *(Limpa a cara de suor, como se fosse suja de fezes do camelo.)* Mas eu atravessei. Cheguei a Marrakech. Hamdullillah. Consegui atravessar a fronteira. Nem precisei de visto. Eu olho pra trás e vejo um tanto de gente que nem tentou. Se perdeu pelo caminho. Eu entrei clandestina e tudo ficou pra trás: meu terra, meu língua, meu família, minha infância, meu adolescência. Minha cultura. O sabor do Líbano. Tudo ficou pra trás. Tudo é estranho. Eu estou estranha. Estrangeira. Estrangeira no Marrocos. Estrangeira no Líbano. Já não sou mais libanesa. Sou clandestina. Eu olho pra mim e fico pensando: não sei onde eu soltei a mão da libanesinha que andava comigo. Não sei onde soltei a mão dela.

*(Zahara canta a música Nassam Alayna el Hava, de Fairouz, e Clandestino, de Mano Chao. Ela troca os nomes dos países latino americanos por países árabe: Africana, Clandestina, Jordania, Clandestina, Palestina, Clandestina, Libanesa, Ilegal. Kwaitiana, Clandestina, Tunesina, Clandestina, Argelina, Clandestina, Terrorristas, Ilegal.)*

**CENA 7 FINAL : Mactub, estava escrito que seria assim**

**Zahara:** Salim, você me salvou. Eu já estava arrasando meu cara pela Medina. Depois de passar pelo

Egito, Líbia, Tunísia, Marrocos e voltar sem nada pra Líbano. Com uma mão na frente outra atrás. Eu estava caminhando pelas ruas de Beirute quando eu vi um letreiro escrito: contrata-se quibeira para trabalhar no Habib's Brasil. (*Faz um lililili, comum em casamentos e comemorações de mulheres árabes.*) Meu sonho morar no Brasil. Pensei comigo: Brasil não tem violência contra mulher. A mulher trabalha ganha mesmo tanto que homem. Tem liberdade pra mulher. O marido ajuda cuidar dos filhos e da casa. Mulher é igual homem no Brasil. O Brasil não tem guerra. Não tem briga por causa de religião e polícia. Não tem estado islâmico. Estado laico. Meu sonho. Ah, gente, vocês não sabem o que é a vida de uma moça árabe, libanesa, de Baalbeck, sem beleza padrão caminhando pelas ruas de qualquer cidade árabe. Eu não sabia fazer kibe, Salim. Sabia fazer tabule. Ninguém nunca reclamou do meu tabule. Mas aprendi fazer kibeh, mjadra, babaganouche, macarroni libi, até temperar carneiro. Ah, Salim, quando você me deu resposta que eu tinha passado no entrevista. Que iria morar e trabalhar no Brasil eu quase morri de emoção... (*Outra vez faz o som lililili.*) Mas, vem cá, Salim... Você gostou do meu currículo ou do meu tabule. Você nunca confessou, Salim. Mas foi do meu tabule virgem. Tenho certeza. Salim me pediu em casamento logo de cara. Allah tinha escrito outra sorte para mim. O Brasil é lindo.

Júnior Lopes

Mas eu não fui parar na filial do Habib's do Rio de Janeiro, não. Salvador, Porto Seguro, não. Fui parar na Amazônia. Mas, tá bom. Calor por calor eu já estava acostumada com o clima hostil do deserto. Porto Velho, fresquíssimo. *(Muda de tom.)* Mas eu consegui te enganar, Salim. Eu não era virgem. Eu já tinha servido muito tabule nessa vida. Mas você viu o tanto de sangue no lençol na noite de núpcias... Mas, com o tesão que você estava no meu tabule, Salim, e com o kibeh daqueles... Eu acho que eu nem precisava ter feito cirurgia de reconstituição de hímen, muito menos ter usando hímen de elástico de China. Nem ter usado aquela pomadinha do sex shop egípcio da Cleópatra. Que coisa mais nojenta. *(Com ar nostálgico e de memórias.)* Salim, eu estava feliz com você. Estava indo tudo tão direitinho até que corona chegou. Bateu na nossa porta. Aí pensamos: Vamos fazer quarentena no Líbano. A gente veio aqui pra Beirute. Beirute está até calma. Ai, gente, eu tinha acabado de ler mais um capítulo das mil e uma noites. Peguei no sono no fim de tarde. Salim, que na quarentena não via hora para querer tabule *(faz referência a sexo)*... e tinha tesão em transar comigo dormindo... veio por cima e foi me apertando. Eu estava tendo um pesadelo com um marroquino que arrancava meu rim. Eu só tenho um rim. Tive que vender meu rim no Marrocos para comprar passagem de volta para Líbano. *(Volta para a narrativa.)*

Salim foi me apertando, apertando... eu sonhava com marroquino tirando meu rim com pouca anestesia. Eu dei um pontapé no marroquino e o pontapé foi em Salim... que caiu de cabeça na quina da cama... Um segundo depois... tudo começou a tremer... Um barulho, uma poeira..., uma grande explosão... Beirute explodiu na minha cara. Salim entre escombros. Ninguém sabia o que estava acontecendo. Era uma cena de fim de mundo. Mais uma vez... eu me vi sem nada. Com sorte por estar viva. Eu tenho ódio dessa palavra sorte. Eu queria ter o direito de estar viva. Mas todos os dias uma bomba estoura na minha cara. E eu, das cinzas... como uma fênix, sempre tenho que ressurgir. (*Sensível, triste, destruída e forte.*) Estou cansada. Enterro Salim hoje. Estou morando de favor na casa de uma prima. Não sei até quando. A minha intenção era contar tudo pra vocês e me libertar. Mas o *syngué sabour* já explodiu aqui no Líbano. Acho que o *singué sabour* explodiu coletivamente na cara de todos nós... Mais de 300 mil pessoas desabrigadas. 70 mil casas destruídas. 220 pessoas mortas. Mais de 6000 gravemente feridas. Nós não vamos nunca esquecer. Aqui, na minha bela Beirute destruída, como em qualquer outro lugar do mundo. (*Muda de tom e ameaça as pessoas que estão na sala.*) Vocês foram todos hackeados aqui nesta sala. Salvei todos os dados de vocês. A casa caiu. Se vocês ousarem me julgar e condenar, eu divulgo tudo que

Júnior Lopes

hackeei dos computadores e celulares de vocês. Eu estou cansada. Mas... Zahara Yalla, como uma fênix da minha triste história. *(Coloca uma música, come uma romã e tâmaras. Desliga a câmera e continua a dizer baixinho.)* Estão todos hackeados. Vocês não acham que todo árabe é homem bomba, suicida? Eu não sou. Eu vou me libertar. Seus dados estão comigo... Yalla, bye! Habibis.

*(Música e Zahara desliga a sua câmera.)*

DESLIGA A CÂMERA  
FIM

# 3º ATO

## Cassandra Lives no Presídio: uma Trans-missão amazônica

Versão online do texto: Cassandra,  
BR-trans-amazônica

*Texto: Júnior Lopes*

### Personagem:

**Cassandra**, uma travesti, artista e presidiária.

*(Cassandra está na frente do seu computador organizando e autorizando a entrada das pessoas na sala virtual do Zoom ou em qualquer outra plataforma de streaming. Ela está em uma sala reservada do presídio. Talvez seja uma recepção ou sala de visitas. Está se preparando para a transmissão de sua live. Tudo muito simples. Estão sendo tocadas algumas músicas temas de bares populares. Músicas em espanhol também. Ela interage constantemente com o público.)*

### Cena 1

*(Após a autorização de todos na sala Zoom, ela se levanta e cumprimenta o público.)*

Júnior Lopes

**Cassandra:** Oi, gente, boa noite! Eu gostaria muito de agradecer a presença de todos vocês aqui hoje. *(Fala o nome de algumas pessoas que estão na live. Lê comentários. Interage.)* Eu tenho que admitir que quem garante o meu sucesso e paga esse meu corpíto são vocês. Quero também aproveitar a oportunidade e agradecer imensamente a Sejucel, Superintendência da Juventude, Cultura, Esporte e Lazer do Estado de Rondônia, pois este espetáculo foi contemplado com o Prêmio Mary Cyanne, no Edital 34/2021/SEJUCEL/FEDEC- RO. Ufa... Tenho também que agradecer a Penitenciária Segura Firme e Vai, que autorizou e liberou a internet e essa sala para eu transmitir minha live para vocês. Adooooo este Programa Lives no Presídio. *(Muda de tom.)* Para aqueles que caíram aqui de paraquedas e não sabem nada sobre mim, o que eu acho no mínimo impossível e completamente desatualizado - F5, atualiza!!! Escuta, na altura no campeonato, o Brasil inteiro e o mundo me conhecem. *(Falando os nomes dos netespectadores que estão nas janelinhas do Zoom.)* Cassandra Baby, muito prazer!

Bem, quero deixar também registrado que, mesmo eu estando presa, eu sou inocente. Essa é a primeira coisa que a gente aprende aqui dentro: eu sou inocente e não tenho nada a declarar.

Ainda dando recado, quero agradecer aos meus colaboradores: Tablete Santo Antônio, Alisa e



Tinge. Good Times Preservativos, Freios e Injeção Silicônica e ao Açougue Navalha na Carne.

Quero esclarecer que *Cassandra Lives no Presídio: uma trans-missão amazônica* é uma live contemporânea de Neteatro, onde tudo se justifica ao vivo e online. Porque quem sabe faz ao vivo... e quem não sabe, também!

Então, para não ter mistério, eu vou fazer um resumo da peça. Adoooro resumo. Vai que tem gente aí que a internet cai, ou aparece algum B.O para desenrolar e não pode ficar até o fim. Para garantir, eu já conto tudo. Passo a visão do que vai rolar aqui. Nem eu mesma sei se vou ficar até o final. Vai que rola rebelião aqui hoje. Cortam a luz. Gente, aqui acontece de um tudo.

(*Se direciona para a câmera como se estivesse apresentando um programa de televisão.*) Esta peça é apresentada por Cassandra Baby, grande estrela... e versa sobre a vida e a obra de uma travesti artista e presidiária que ganha fama nacional e internacional, após protagonizar um show no presídio em plena rebelião. Cassandra, em seus shows, já anunciava a catástrofe: o sangue e as cabeças rolando e Cassandra Baby, mascarada e com álcool em gel nas mãos, não desceu do salto. As cenas foram filmadas e compartilhadas por presidiários e logo viralizaram nas redes sociais. Assim, no auge da fama, Cassandra é liberada uma

Júnior Lopes

vez por semana para apresentar seus shows nas *lives* da vida. (*Respira.*)

Pronto. Conteí. A peça é isso. Quem precisar sair, de boa! Pelo menos já pegou a visão. Mas quem ficar vai pegar detalhes. (Muda de tom.) Vamos ao que interessa. Vou colocar Claudinha Milk.

(*Começa a música famosa cantada por Cláudia Leite. Cassandra dubla. Ou ela pode cantar à capela. Começa a performance para a câmera. Em pé, sentada, aproxima e distancia. Ao terminar a música, se senta, descansa e se dirige aos netespectadores na telinha.*) Se curtiu, comenta. Se não curtiu, mente.

Meus amores, na minha primeira *live* fechada e exclusiva para a galera lá de Guajará Mirim, minha terra natal, a Pérola do Mamoré, me perguntaram nos comentários o que eu era (*indignada*). Gente, imagina... alguém vira pra você e pergunta do nada: o que você é? (*Constatando.*) E a pessoa continua: travesti, trans, drag, bicha, viado, cdezinha, transformista... (*Cômica e fazendo piada.*) Galera ama categorizar. Que horror! Vai mudar o que na vida desse infeliz? Olha, eu precisaria de dar um curso de no mínimo 120h para explicar as teorias do trans-binário. Mas, como eu adoro resumo..., vou resumir para você: qualquer uma dessas (drags, trans, travas, bichas, viadas, etc...) são diferentes de você. E qualquer uma dessas são iguais a você. Não estou aqui para colocar ninguém em caixinhas de isso ou aquilo.

O importante é respeitar a vida do outro. Mas quem não estiver satisfeito com o meu resumo, eu lamento. Vamos de música. *(Cassandra compartilha outra música e dubla. Ou compartilha e canta junto. Ou canta sozinha. Ou só escuta. Ou mistura tudo isso.)*

## Cena 2

*(Após a música, Cassandra se senta e começa a narrar.)*

**Cassandra:** Gente, desde pititinha eu sempre tive uma veia artística. Eu adorava recitar poesias para as pessoas. Eu declamava que era uma beleza. *(Olha pra tela do computador, lê os comentários, volta a olhar para câmera e narra.)* Olha pra mim *(silêncio)*. Imagina eu toda pititinha *(à medida que vai falando pititinha, ela vai se transformando corporalmente como se fosse uma criança)*. Às vezes, o povo vê a gente assim e não imagina que a gente também foi criança um dia. Eu era de uma inocência. Doce. Doce por demais. No Natal, eu ensaiei com o regente do coro da minha igreja uma poesia para recitar para a família. Era batatinha quando nasce. Mas, na hora, eu me confundi com os versos e recitei assim...

*(Começa a cantar a música Que Será, Será - What ever will be, will be. Faz uma performance com uma mistura de infância e de sedução. Ao final da música, ela faz referên-*

Júnior Lopes

*cia a um castigo da mãe. Começa a bater no seu ursinho de pelúcia, remetendo a sua mãe batendo nela. Quando termina a canção, Cassandra se senta, destruída, e conta para os netespectadores.)*

Quando eu era pititinha, eu nunca quis ser menina. Eu era meio desajeitadinha, andava meio mole. Tinha uma vozinha fininha, estranha. Não jogava bola, não gostava de lutinha. Nada. Não brincava com os meninos, pois eles sempre me chamavam de viadinho. De bichinha. Falavam que eu parecia uma mocinha rebolando. Eu não entendia nada. Chorava sozinha no banheiro da escola. Só as meninas da sala que, às vezes, falam comigo. *(Muda de tom.)* Eu não queria ser menina. Eu nunca pensei nisso. Eu tinha ódio de ser chamada de menina. Eu não queria rebolar. Não queria falar fino. Eu queria ser amigo dos meninos. Jogar bola. Acho que teria sido mais fácil. *(Muda de tom.)* Mas, não foi assim.

*(Começa a cantar ursinho Pimpão, da Turma do Balão Mágico. Quando termina a música, senta-se, descansa, respira e conta.)*

### Cena 3

*(Cassandra, sentada, fala diretamente para a câmera.)*

Um dia eu fiquei muito feliz. Os meninos da minha sala me convidaram para jogar vídeo game com eles. O Mateus, o Cláudio e o Gustavo. Eles nunca tinham me convidado para nada. Nem conversavam comigo. Eu fui com eles depois da aula. A gente começou jogando e escutando músicas. Eu ganhei três vezes. Acho que era meu dia de sorte. *(Risos.)* Mas eles ficaram com raiva e o Mateus, puto, me xingou de bichinha. *(Se assusta e muda o tom do texto.)* Eles começaram a me empurrar e rir da minha cara. *(Sai da frente da câmera e começa a jogar roupas na tela, enquanto continua falando o texto.)* Tiraram minha roupa, me bateram e os três me penetraram. Eu não consegui reagir. Não fiz nada. Deixei eles fazerem o que quisessem comigo e não gritei. Engoli o choro, a humilhação. Eles pareciam ter ódio de mim: me batiam, me mordiam, me xingavam. Mas eles também pareciam que me amavam: me beijavam, me abraçavam, me acariciavam. *(Volta para a câmera.)* Levantei. Percebi que estava sangrando. Vesti minha roupa e fui embora. Quando eu cheguei em casa, falei que tinha apanhado na rua. Meu pai, com muita raiva, me deu uma surra. Ele disse que era para eu aprender a virar homem e não deixar os outros me baterem. Ele falou que toda vez que eu apanhasse na rua iria apanhar em casa de novo.

Depois disso, eu nunca mais voltei pra escola. Fingia que ia e ficava escondida na pracinha. Umas

Júnior Lopes

duas semanas depois, a coordenadora mandou chamar o meu pai. Quando ele chegou em casa, me chamou e, sem me falar nada, me deu outra surra. Bateu na minha cara e deu um murro na minha boca. *(Sai da visão da câmera e faz a voz do pai.)* “- Fala igual homem! Não chora. Levanta e reage. Vira homem. Endurece essa mão e bate na minha cara. Dá um murro na minha cara e mostra que você é homem”. *(Silêncio. Após um silêncio, Cassandra dá um tapa na sua própria mão e se senta de novo na frente da câmera.)* Eu não dei um murro, mas deixei cinco dedos na cara dele *(ri)*. Meu pai ficou calado. Minha mãe e minhas irmãs ficaram assustadas. No outro dia de manhã, meu pai falou pra eu ir pra escola e não voltar mais pra casa. Ele falou que não colocou filho no mundo pra ser mulherzinha de vagabundo. *(Muda de tom.)* Ir pra onde? Comecei a chorar. Pedi para ele me perdoar. Ele me obrigou a ir e disse que era para eu me virar e não voltar mais. Eu saí de casa e fiquei escondida em um lote vago a manhã toda. Esperando dar o tempo de terminar a aula para voltar pra casa. Quando eu cheguei em casa, o portão estava fechado com cadeado. Lá na frente, eu vi um caminhão de mudança. Meu pai levou tudo e foi embora. Eu fiquei trancada pro lado de fora, no meio da rua.

*(Dublagem com música. Sugestão: A Nadie, de Liliana Felipe.)*

## Cena 4

*(Cassandra fala diretamente com os netespectadores.)*

Uma senhora, vizinha, ficou com pena do que os meus pais fizeram comigo e disse que iria dar um jeito de me deixar na casa da minha avó, em Jaci Paraná. Fiquei umas duas semanas na casa dela. Fazia de tudo lá: lavava, passava, varria o quintal, ia comprar cigarros pra ela na vendinha, tudo. Um dia, ela me levou no táxi lotação e pediu pro moço me deixar na casa de minha avó em Jaci. Ela já tinha dado um jeito de contar para minha avó o que tinha acontecido. Eu não tinha muito contato com a minha avó, mas fui. Na casa da minha avó, eu fui muito humilhada. Toda hora que ela ficava com raiva de alguma coisa, me perguntava se eu era viado. Eu odiava essa pergunta. Fiquei três anos morando com ela e tinha que dar conta de tudo na casa. Eu era a empregada que ela não pagava. Se eu fizesse algo que ela não gostava, era certo: me xingava de *viado* e falava que eu deveria arrumar uns machos pra me dar dinheiro. Que tinha um monte de peão da barragem que pagava bem pra eu fazer um carinho neles. Ela falava que já que eu gostava, deveria aproveitar isso. *(Respira.)* Numa sexta-feira, depois de eu ter feito toda a faxina da semana, ela chegou com uma conversa de que meu pai queria me ver. Que

Júnior Lopes

ele estava arrependido. E era hora de eu voltar para casa. Ela fez minha mochila, me levou pra um posto de gasolina lotado de caminhoneiros, barrageiros e prostitutas. Ela conversou com um caminhoneiro e eu vi que ele deu uma caixa para ela. Depois, ela veio em minha direção e falou que ele iria me deixar na casa dos meus pais. Eu subi na boleia do caminhão e, a partir dali, eu me perdi na Amazônia.

O filho da puta do caminhoneiro me deixou no meio da BR-Trans-Amazônica, no KM 180, em outro posto de gasolina no Santo Antônio do Matupi. Ele me disse que, se eu fizesse a mesma coisa que fiz com ele, sendo um pouco mais obediente, eu iria ganhar comida, carona e dinheiro. Ele falou para eu não contar nada pra ninguém do que aconteceu dentro do caminhão. *(Muda de tom.)* E eu também não vou contar aqui. Vou poupar vocês dos detalhes. Ele me deixou na transamazônica. No meio de muitos caminhões, poeira e toras de madeira. Lá, no Matupi, fui literalmente batizada de Cassandra da BR. Cassandra da Transamazônica. Cassandra Baby da BR, etc. *(Com pesar.)* Aquele menininho foi ficando para trás. Deixei pedaços dele nos corpos dos garotos da escola, no punho do meu pai, na boca e corpo do caminhoneiro... Cassandra Baby da BR-Trans-Amazônica tenta não chorar. *(Muda de tom.)* Eu me sentia uma floresta, mata fechada que aos poucos ia se definindo por tratores, motosserras, pneus... Me sentia



devastada, cheia de cicatrizes, queimada. Eles me atravessavam. Fizeram rotas, estradas, atalhos... Me sentia tombada como uma árvore. Uma boneca para meninos que odiavam as meninas. Eu descobri que sou um corpo para odiar.

## Cena 5

*(Coloca uma música e pede uma pausa para beber água ou ir ao banheiro. Intervalo.)*

Ganhei um dinheiro no Matupi e decidi que era hora de me presentear com silicones e algumas cirurgias estéticas. Pra Porto Velho eu vou. Hidrelétricas bombando, barrageiros aos montes, um brega atrás do outro, não iria me faltar trabalho. *(Muda de tom.)* Me fodi com o silicone. Duas aplicações e deu complicação pro meu lado. Não pude continuar. Mas eu estou bem com essas espuminhas. É o que tem pra hoje. Mas também, com um corpão gostoso desse, com essa potência e inteligência toda, não vai precisar de faca nem borracha não. Aqui em Porto Velho eu abri uma MEI, uma pequena empresa. De manhã e à tarde, era salão de beleza e à noite virava um pub. Lotava. As calçadas não cabiam de tanta gente. Alguém aqui conheceu lá? *(Faz referência a uma esquina da cidade.)* Almirante com as Nações Unidas. Eu mesma fazia os shows e, às vezes, contratava

Júnior Lopes

um grupo de sofrência para tocar lá. Vai gostar de sofrência igual peão de obra assim lá na casa do caralho. Por que será que peão e homem casado gosta tanto da gente? *(Coloca aí nos comentários.)* Pois dorme com esse barulho, maninha.

*(Compartilha uma música de brega, sofrência ou sertaneja cantada por mulher.)*

## Cena 6

*(Retoma a narração.)*

**Cassandra:** Soube que meus pais tinham voltado para Guajará. Chorei uma semana quando o barrageiro da usina me contou isso. Parecia que tinha voltado tudo, sabe? Não sei. Já fazia muitos anos que eu nem me lembrava deles. O peão me disse que meu pai estava muito mal. Nas últimas. Ele não sabia o que era. Eu fiquei muito abalada, pois não conseguia sentir nada por ele. Nem pena, nem satisfação. Não sentia nada. Mas eu já estava com saudade de Guajará e, como eu tinha que comprar umas perucas novas, decidi ir e passar lá na Bolívia para comprar. Minha infância foi ali naquele vai e vem da fronteira. Acho que é por isso que eu adoro fazer shows em espanhol. *(Muda de tom.)* Pois é, essa foi a desculpa que inventei pra mim mesma para ver o meu pai. Não sei

porque eu estava fazendo isso, mas eu fui. Sentia que era hora de descarregar tudo. Eu fui. Peguei um taxi lotação lá na Jorge Teixeira. Em Guajará, todos me olhavam assustados. Minha família já sabia o que eu tinha “virado” nesses últimos anos. Mas ver é diferente. Eu interrompi o fluxo da normalidade perversa das ruas de Guajará, a Pérola do Mamoré. Essa sensação de sentir que eu incomodava, que eu dava medo, que eu era estranha. Mas, ao mesmo tempo, um olhar curioso, malicioso, faminto... Isso tudo me deixava pesada. Cheguei na casa onde estava minha família. Olhei para o meu pai. Boca não disse palavra. Depois de um silêncio, ele bem baixinho me pediu perdão. *(Indignada.)* Perdão? *(Fala como se estivesse falando para o pai. Não olha para a câmera.)* Você é um covarde. Você não tem que me pedir perdão por nada. Você fez o que tinha vontade. Agora que está à beira da morte vem com essa de me pedir perdão? Eu te conheço? A gente não se conhece. Eu sou uma estranha para você e você é um estranho para mim. *(Em direção oposta, fazendo referência à mãe e à avó que estão na sala)* Mãe, e você não me olha com essa cara. Você nunca fez nada pra me defender. E você, vó? Como que a senhora teve coragem, vó, de me vender e entregar daquele jeito pra aquele caminhoneiro?!!! Você sabe o que ele fez comigo, né? Onde ele me jogou? Ahh, tanto faz, né, sua desgraçada. *(Muda de tom.)* Meu pai morreu ali naquele momento. Minha

Júnior Lopes

mãe e minha avó jogaram a culpa da morte do meu pai em mim. Minha mãe disse que, por desgosto de ter um filho como eu, meu pai começou a beber e sair de bar em bar... Se envolveu com prostitutas, travestis (ri) e drogas. Pegou aids e... Bem, não me deixaram ficar no velório. Me expulsaram. A ideia de perdão estava muito mal colocada ali. Levantei, dei um adeusinho para todos e todas e atravessei pra Bolívia para comprar minhas perucas. (*Coloca uma música em espanhol. Sugestão: Mala, de Liliana Felipe. Improvisa uma performance.*)

Já de volta para Guajará, passou um táxi lotação que me ofereceu carona até Porto Velho. Cara gentil, pensei. Entrei no táxi e me mandei. No meio do caminho, um carro da polícia com somente um policial dentro para o táxi. Eu descii linda, gostosa e elegante. O policial enfiou a mão na minha cara e me chamou de vagabundo. Ele disse para eu não olhar na cara dele. Ele me jogou no chão e pegou minha mala. Derrubou tudo. Descabelou as perucas. Gritava comigo: “cadê as drogas?” O taxista não falou nada. O PM encontrou debaixo do meu banco dois tijolos de cocaína. O taxista, lógico, disse que não era dele. Disse que só podia ser minha a droga. Que eu tinha escondido lá no carro. O PM deu na minha cara, mandou eu falar a verdade senão seria pior. O taxista, aos berros, dizia que eu iria me danar na cadeia. Que agora eu ia ser útil de verdade. Uma

puta de bandido. Aquilo era uma emboscada. Peguei a arma da cintura do PM. Nunca pensei que fosse tão fácil desarmar PM (*risos*). Apontei para o joelho do desgraçado do taxista. (*Muda de tom e fala diretamente para o taxista.*) Ajoelha, confessa e pede desculpas. Ajoelha, senão eu meto bala, caralho. (*Para a câmera.*) Ele não acreditou. O taxista tentou correr. (*Dá um tiro.*) Acertei o joelho dele. (*Para o taxista.*) Quem mandou você fazer isso? Quem armou isso contra mim? O PM estava congelado. Não entendi nada. O taxista disse que foi Guajará que pediu pra dar um fim em mim. (*Indignada.*) Guajará? (*Mais indignada.*) Não, mana. Dei outro tiro, no pé do taxista.

Eu fui me aproximando do PM e olhei bem na cara dele. (*Muda de tom.*) Vocês não vão acreditar quem era o PM. Eu vou contar nesta *live*. O Brasil inteiro vai ficar sabendo. (*Cassandra percebe que a porta se abre e chega alguém.*) Mateus??? (*Com grande surpresa.*) O que você está fazendo aqui? Quem deixou você entrar? (*Cassandra se levanta e vai em direção ao Mateus. Público não vê o Mateus, somente escuta ela falando com ele. Cassandra toma a arma dele.*) Abaixa essa arma. Você está louco. Eu estou ao vivo, gato! Ao vivo, bebê! (*Toma a arma dele e volta com a arma pra frente da câmera.*) Mana, segunda vez que tomo a arma deste PM. (*Apontando a arma para o Mateus.*) Mateus, me beija. Eu quero um beijo de língua. Ou beija ou morre. (*Irônica.*) Bebê, não brinca comigo não. Você já me

Júnior Lopes

beijou, já fez de um tudo comigo, amore. (*Fala para a câmera.*) Gente, o Mateus, o PM que aprontou a emboscada com o taxista e Guajará, é o meu amiguinho de escola. Aquele que fez aquilo comigo. (*Para o Mateus.*) Pronto, Mateus, tá todo mundo sabendo, ao vivo. E aí, vai beijar, bebê? Nós estamos ao vivo!!! Transmissão ao vivo. Beija, desgraça. Isso, bom garoto. Com medo de tiro, né? Anda. Solta a língua, caralho. Eu que mando, caralho. (*Entrega a arma para Mateus.*) Como eu sou boazinha, chega. Você beija mal pra caralho. Toma essa arma. (*Ele aponta a arma para ela e ela segue a narração.*) Dispara. Mata o que está te matando, Mateus. Eu não sabia que eu mexia tanto com você. Atira, BB, vai. Agora todo mundo já sabe. Eu amo transmissão ao vivo. Atira, amore. Acaba com isso, vai.

*(Escuta-se um tiro. Luz se apaga. Quando retorna, Cassandra está sentada diante da câmera, comendo saltenha e tomando Parecis, um refrigerante fabricado em Guajará-Mirim. Ela compartilha uma música. Sugestão: Johnny Hooker – Segunda Chance.)*

DESLIGA A CÂMERA  
FIM

← Explore



zaharayalla · Seguir  
@zaharayalla



♥ 948 likes

Foto de divulgação do espetáculo online no whatsapp  
"Chá comigo em quarenta e uma noites".#Neteatro #Zahara



# LINKS BIBLIOGRÁFICOS

**Página de Eventos Sympla.** Disponível em: <https://www.sympla.com.br/eventos/teatro-espetaculo> (acesso em 02/03/2022).

**Página do Evento Tabule a Casa Caiu e Yalla, go!** Disponível em: <https://www.sympla.com.br/produtor/yallagotabule> (acesso em 02/03/2022).

**Metaverso.** Disponível em: <https://www.tekimobile.com/o-que-e-metaverso/> (acesso em 02/03/2022).

**Como criar conteúdo digital.** Disponível em: <https://rockcontent.com/br/recurso/webinars-e-eventos/> (acesso em 02/03/2022).

**Yalla, go! Como sobreviver em guerras e outras sabotagens.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C4dM9-KNtHA> (acesso em 02/03/2022).

**Yalla, go! Como sobreviver em guerras e outras sabotagens.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aFNE3Z1qzLI> (acesso em 02/03/2022).

**Chá Comigo em Quarenta e Uma noites.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OrQ2ktkz8iE> (acesso em 02/03/2022).

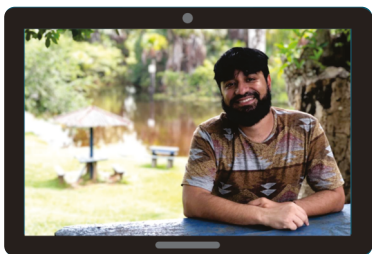




**BATISTA**, Andressa. Breve manual de produção cultural para artistas independentes. / Andressa Batista - Porto Velho: Semear Cultura 2021.

**HARARI**, Yuval Noah. 21 lições para o século 21. / Yuval Harari. Tradução Palo Geiger. 1ª Edição - São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

# Encontre o Autor



(José Maria Lopes Júnior) – Professor Adjunto do Departamento de Artes da Universidade Federal de Rondônia desde 2008. Doutorado em Artes Cênicas (UFBA). Mestrado em Estudos Literários (UFMG) e Graduação em Letras Hispânicas (UFMG). Diretor da Cia Peripécias de Teatro (RO) e ator nos espetáculos: Tabule, Cassandra, Chá Comigo e Yalla, go! Possui pesquisa na área de Teatro, guerras e refúgios: Cicatrizes do Oriente Médio e da América Latina. Realizou residência artística em Beirute, Líbano, em 2018.



juniorlopesamazonia@gmail.com

juniorlopes@unir.br



@zaharayalla

@ciaperipecies

Como artista, quero me comunicar e chegar ao meu público. Quero passar uma mensagem de um modo poético, sutil e sensível. No passado, o artista não tinha papel, não tinha tela de pintura, não tinha ferramentas para lapidar pedra, ferro, bronze ou ouro. Não tinha instrumentos musicais que temos hoje. E todos faziam sua arte. A arte sempre foi criativa e transformadora, utilizando o que tinham disponíveis: pinturas rupestres, utensílios de barro, pedra, aço, bronze, instrumentos musicais de osso, de madeira, de barro etc. Com o tempo, vão surgindo outros materiais, outras invenções e outros modos de fazer. E o artista é sempre um visionário. Atualiza-se, cria e recria e se transforma com o que tem. Então, agora, o palco é web. E isso é Neteatro.

*Junior Lopes*

# NETEATRO

Neteatro: Processos de Criação de Espetáculos Online é um livro tutorial que apresenta procedimentos para criar, adaptar e transmitir trabalhos de artes cênicas ao vivo e online. O termo Neteatro foi criado para designar os espetáculos virtuais, exclusivamente criados para o palco-web. Trata-se de espetáculos ao vivo, transmitidos pela internet, por meio da câmera do computador/celular. O contato com outro dá-se por meio da câmera, do áudio, do chat de mensagens e da janelinha de transmissão. O livro aborda as relações entre o espetáculo Neteatral e a plateia virtual, neste caso, os Netespectadores. Além de compartilhar exemplos práticos para auxiliar na criação, este trabalho apresenta exercícios para ensaiar virtualmente e três textos dramáticos para a cena online.

